

www.revistanascente.com.br

Ano XXVIII • Nº 173  
Shevat / Adar 5781 • Jan / Fev 21

# NASCENTE

Órgão de Divulgação da Congregação Mekor Haim

## PURIM SAMÊACH!

DE CRIANÇA  
PARA CRIANÇA  
O Melhor da Classe

EDUCAÇÃO  
Semear e  
Construir

DINHEIRO  
EM XEQUE  
A Salvação



# Vem pro Sacolão

Aqui a época  
da sua fruta  
favorita dura  
o ano inteiro!

EXIJA O SELO DE SUPERVISÃO RABÍNICA E FAÇA VERIFICAÇÃO DE TOLAIM



RUA DONA VERIDIANA, 158/162  
HIGIENÓPOLIS ☎ 3331-4672

**HORÁRIO DE ATENDIMENTO:**  
SEGUNDA À SÁBADO: das 7h às 21h.  
DOMINGOS E FERIADOS: das 8h às 20h.



Bem - estar para a sua família



# Como merecer proteção Divina:

Em momentos de **alegria**, em momentos de **tristeza**,  
antes de uma **viagem**, por uma **salvação** ou **cura**.

Envie seu nome aos *Guedolê Yisrael* para uma *berachá* e para que seja lembrado nos locais sagrados por tudo o que você precisa!



# 0800-891-6701

Ou doe diretamente: [www.kupat.org](http://www.kupat.org)





Nº 173

Capa:  
Leis e Costumes  
de Purim.  
Comemorando I,  
pág. 18.

## Expediente

A revista Nascente  
é um órgão bimestral de divulgação da  
Congregação Mekor Haim.

Rua São Vicente de Paulo, 276  
CEP 01229-010 - São Paulo - SP  
Tel.: 11 3822-1416 / 3660-0400

Fax: 11 3660-0404

e-mail: revista\_nascente@hotmail.com

SUPERVISÃO: Rabino Isaac Dichi

DIRETOR DE REDAÇÃO: Saul Menaged

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO:  
Ivo e Geni Koschland

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO: Equipe Nascente

EDITORA: Maguen Avraham

TIRAGEM: 10.000 exemplares

O conteúdo dos anúncios  
e os conceitos emitidos nos artigos  
assinados são de inteira responsabilidade  
de seus autores, não representando,  
necessariamente, a opinião da diretoria da  
Congregação Mekor Haim ou  
de seus associados.

Os produtos e estabelecimentos casher  
anunciados não são de responsabilidade da  
Revista Nascente. Cabe aos leitores indagar  
sobre a supervisão rabínica.

A Nascente contém termos sagrados.  
Por favor, trate-a com respeito.

Páginas que necessitam de  
Guenizá estão assinaladas.

# NASCENTE

# Nesta Edição



# 18

Comemorando I  
"Leis e Costumes  
de Purim".



# 55

De Criança  
Para Criança  
"O Melhor  
da Classe".



# 07

Dinheiro em  
Xeque  
"A Salvação".

# 09

Visão  
Judaica I  
"Lições das  
Oferendas  
dos Chefes".  
R. I. Dichi

# 48

Passatempos  
"Pega Palavras,  
Jogo dos 7 Erros  
e Matemática".

# 23

Visão  
Judaica II  
"A Torá Só  
Pode Ser  
Divina".  
R. I. Betech

# 40

Leis e  
Costumes  
"Leis Relacionadas  
com o Arroz e com  
o Vinho Durante a  
Refeição"  
R. I. Dichi

# 27

Comemorando II  
"Por Trás  
das Máscaras".

# 33

Era Uma  
Vez  
"Sacudir  
a Terra".



**29**

Educação  
"Crianças na Sinagoga"  
R. I. Dichi



**42**

Truques e Dicas  
"Arroz".



**31**

Judeus no Mundo  
"Judeus na República Dominicana".



**38**

Cashrut  
"Quem Não Come Inseto?"

**13**

Livros do Povo do Livro  
"Bituach Haim – Seguro da Vida".

**47**

Pensando Bem  
"Pensamentos".

**15**

Variedades I  
"Shimon Stanislaw".  
R. Kalman Packouz z"l

**51**

Datas e Dados  
"Datas e horários judaicos, parashiyot e haftarot para os meses de Shevat e Adar".

**44**

Infantil  
"A Grandeza do Rambam".

**34**

Quem Sabe Responde  
"Um Desafio à Sua Sabedoria".

**36**

Guimatriyá  
"Purim".  
Vita S. Gornel z"l

**21**

Variedades II  
"Amizade".  
R. Kalman Packouz

O principal motivo da nossa existência neste mundo é servir o Todo-Poderoso; agir conforme Sua vontade. Este objetivo é alcançado seguindo Suas recomendações na *Torá* – as “*mitsvot*”.

Além das *mitsvot*, prescritas de uma forma geral para todos, cada um de nós possui uma tarefa exclusiva neste mundo. De acordo com as ferramentas que nos são entregues, com a nossa capacidade e com o meio em que fomos colocados, D’us espera que realizemos algo muito particular. Esta tarefa especial de cada *yehudi* é exclusiva a ele.

O principal obstáculo que impede que realizemos a nossa meta – o cumprimento das *mitsvot* e de nossa tarefa específica – é a nossa má inclinação. Em cada indivíduo foram inculcadas uma boa inclinação (*yétser hatov*) e uma má inclinação (*yétser hará*).

Embora a má inclinação seja a causadora de nossos percalços, de nossas dificuldades, é ela que garante todo o mérito de nosso sucesso. Dominando e vencendo os obstáculos de forma satisfatória, tornamo-nos merecedores de todas as recompensas prometidas por D’us.

Sendo o principal motivo de nossa estadia neste mundo, vencer os conselhos e as barreiras impostas pela má inclinação, nossa primeira atitude visando servir o Todo-Poderoso deve ser conhecê-la

bem. Precisamos saber como ela age e quais os artifícios que sugere em nossas mentes, para termos boas chances de vencê-la.

Em geral, as pessoas têm uma idéia infantil e enganada do *yétser hará*. Pensam que é simplesmente o desejo de realizar um pecado; a “vontade de comer porco”, por exemplo. Porém, isto é verdade apenas em um nível inferior. A má inclinação é muito mais do que isso.

Como é possível que alguém peque propositadamente, desafiando de forma direta o Criador? A resposta é que, em geral, uma pessoa coerente não o faz diretamente. Há várias formas de “driblar” nossa consciência e nos darmos a liberdade de pecar.

Agir sem pensar é uma das grandes armas da má inclinação. Outro conselho para liberar totalmente o indivíduo é negar princípios básicos ou negar a validade de alguns mandamentos.

Outros recursos muito conhecidos são as frases “Isso não é tão importante” e “Eu não nasci para isso, não conseguiria fazê-lo...”. Qualquer sugestão da boa inclinação que resulte em uma mudança do modo de viver, sempre resulta em um contra-ataque feroz da má inclinação.

Para quem acredita já estar imune aos conselhos da má inclinação, as racionalizações e justificativas são os seus recursos mais eficientes. ■



# A Salvação

Todas as dúvidas e divergências monetárias de nossos dias podem ser encontradas em nossos livros sagrados!

A seguinte pergunta foi feita por um dos principais médicos do exército israelense ao *Rav Hagaon* Rabino Yitschac Zilberstein *Shelita*:

*“Prezado Rabino Yitschac Zilberstein Shelita, Um determinado grupo de soldados foi enviado ao campo de batalha para lutar contra o inimigo. Eu os acompanhei juntamente com um enfermeiro.*

*No calor da batalha, um dos nossos soldados foi baleado no peito. Debaixo de fogo pesado, consegui retirar a bala do seu corpo, porém seu estado era muito delicado. Ele precisava urgentemente ser levado de helicóptero para um hospital, para receber o tratamento adequado.*

*Era óbvio que se eu o acompanhasse no helicóptero até o hospital, suas chances de sobreviver seriam maiores do que se ele fosse acompanhado apenas pelo enfermeiro.*

*A minha pergunta é a seguinte: Qual atitude eu deveria ter tomado naquela situação? Eu deveria ter acompanhado o soldado ferido, deixando o pelotão sem um médico no campo de batalha? Eles ficariam apenas com o enfermeiro. Ou seria melhor o enfermeiro acompanhar o soldado ferido e eu permanecer no campo de batalha junto aos soldados, para prestar o serviço médico quando se fizesse necessário e para tranquilizá-los, já que saberiam que havia um médico por perto para qualquer eventualidade?”*

**Jovem Universitário Brasileiro**

Aplique pelo site:  
www.weducate.com.br

Você é dedicado e comprometido com seus estudos?  
As bolsas de estudos do WEducate para cursinhos e faculdades são para você!

**WEducate**  
create your future

**AUTO CADIMA MULTIMARCAS**

VW FIAT Ford Chevrolet Peugeot Renault Mercedes

**3333-1333**

**NOVO ENDEREÇO**  
AL. BARÃO DE LIMEIRA, 526

As Melhores Ofertas em "0Km" com garantia oficial de fábrica

autocadima@gmail.com 94642-8881

**Uma Mishná Por Dia**

Mais de 1400 áudios publicados

Uma Mishná Por Dia

Acesse o site [ohelmoshe.com.br](http://ohelmoshe.com.br) ou baixe o app Android

por R. Daniel Faour

## Dinheiro em Xequê

### O Veredicto

O Rav Zilberstein disse que, em situações normais, o médico deve acompanhar o ferido para prestar-lhe socorro. Um médico não deve fazer cálculos em relação a eventuais acontecimentos futuros, ainda incertos. O médico normalmente precisa se preocupar com o doente que está à sua frente, e não com pessoas saudáveis, que possam eventualmente vir a necessitar de seus cuidados. No caso em questão, caso este princípio se aplicasse, poderíamos afirmar que talvez os outros soldados não viessem a se ferir no campo de batalhas e a sua presença não fosse necessária.

Mas, como este caso era especial, dada a singularidade da situação de guerra, a questão foi levado ao Gaon Harav Yossef Shalom Elyashiv zt"l.

Ao ouvir o caso, o Gaon Harav Elyashiv zt"l disse que o médico deveria permanecer com os soldados no campo de batalha. Os soldados que estão lutando debaixo de fogo inimigo correm efetivamente um grande perigo de vida. Sendo assim, mesmo estando ainda saudáveis, eles têm o mesmo status de um doente que está diante do médico. Além disso, eles ficariam mais tranquilos ao saber que, em caso de alguém ser atingido, haveria um médico de prontidão para atendê-los.

Portanto, o enfermeiro deveria ser enviado com o soldado ferido, ficando o médico com os soldados no campo de batalha.

Após enviar esta resposta do Rav Elyashiv zt"l para o médico do exército, o Rav Zilberstein perguntou como ele havia procedido. Perguntou se ele acompanhara o paciente no helicóptero ou se permanecera com os soldados no campo de batalha, enviando o enfermeiro para acompanhar o soldado ferido.

O médico respondeu:

*"Eu realmente não sabia como proceder... Comecei a rezar para D'us do fundo do meu coração, esperando uma salvação!..."*

*De repente, vi que enviaram um helicóptero gigantesco que recolheu o soldado ferido juntamente com todos os outros soldados, e todos fomos salvos!"*

Do semanário "Guefilte-mail"  
([guefiltemail@gmail.com](mailto:guefiltemail@gmail.com)).

Traduzido de aula ministrada pelo Rav Hagaon Yitschac Zilberstein Shelita. Os esclarecimentos dos casos estudados no Shulechan Aruch Chôshen Mishpat são facilmente mal-entendidos. Qualquer detalhe omitido ou acrescentado pode alterar a sentença para o outro extremo. Estas respostas não devem ser utilizadas na prática sem o parecer de um rabino com grande experiência no assunto.

**HOPE** Parabeniza a Congregação pela divulgação dos valores judaicos!



# Lições das Oferendas dos Chefes

Três Lições dos Chefes das Tribos de Israel: como encarar o dinheiro, merecer longevidade e ser verdadeiramente honrado.

Rabino I. Dichi

## “Vocês Honraram Um ao Outro”

Na inauguração do *Mishcan* (Tabernáculo), cada um dos chefes das tribos do Povo de Israel ofereceu, em dias separados, uma oferenda. Sobre isso, escreve o *Rashi* em nome de nossos sábios (*Bamidbar Rabá* 14:26):

“O que vem ensinar a referência ‘dos chefes de Israel’? Que eles se voluntariaram por si próprios e que a oferenda de todos eles foi igual: igual era seu comprimento, sua largura e seu peso, e nenhum deles ofereceu mais que o outro. Se um deles tivesse oferecido mais que o outro, nenhuma dessas oferendas poderia ser feita no *Shabat*. Pois o Eterno disse a eles: ‘Vocês honraram um ao outro e eu honrarei vocês, de modo que vocês poderão fazer a oferenda no meu dia de *Shabat*, para que não haja uma pausa entre suas oferendas’”.

Diversos assuntos foram aprendidos neste episódio pelos sábios de todas as gerações. Trataremos de três destes assuntos nesta oportunidade.

## A Importância do Desprendimento Quanto ao Dinheiro

Desprendimento monetário significa a prontidão de abrir mão do dinheiro em prol de uma meta elevada, de boa vontade e sem expectativa de lucros. Quando uma pessoa o faz, demonstra que a meta pela qual está atuando é mais importante para ela que seu dinheiro. Com isso, ela enraíza em sua alma a grandeza dos valores espirituais e sua predominância

sobre as posses materiais.

Os chefes das tribos apresentaram suas oferendas de seu próprio bolso, destacando-se nesta característica.

Muitos são os que tropeçam em relação a isto, preferindo sua fortuna a aquisições espirituais. Sobre isso, o *Messilat Yesharim* escreve (no capítulo 11):

“Eis que a cobiça por dinheiro é o que o encarcera (o indivíduo) na reclusão do mundo e coloca o jugo do esforço e da ocupação em seus braços, conforme está escrito: ‘aquele que ama o dinheiro não se satisfará com dinheiro’. É a cobiça pelo dinheiro que o retira do serviço (Divino), pois eis que quantas orações são perdidas, quantos preceitos são esquecidos por haver tanta ocupação e preocupações com o volume da mercadoria! Quanto mais isso é verdadeiro em relação ao estudo da *Torá!*”.

Na continuação do mesmo capítulo consta o seguinte: “ela (a cobiça por dinheiro) faz com que se transgrida, muitas vezes, os preceitos da *Torá* – e mesmo as leis lógicas naturais”.

De suas palavras aprendemos o quanto a ambição pelo dinheiro atrapalha todo o modo de vida do indivíduo, atingindo principalmente seu serviço Divino. O estudo da *Torá*, as orações e muitos preceitos podem ser prejudicados pelo desejo constante de expandir os negócios.

Isto é perceptível analisando o dia-a-dia da sociedade. Muitos são os que estão completamente envolvidos, dos pés à cabeça, em

assuntos materiais. Não apenas seu tempo é consumido por eles, como também sua mente e seu coração encontram-se enclausurados, sendo muito difícil afastar-se desse modo de vida e dedicar-se ao objetivo fundamental do ser humano – a espiritualidade.

Essas pessoas fazem dos meios um objetivo. Em vez de as posses materiais auxiliarem no alcance do verdadeiro alvo, que é o serviço Divino, elas se transformam em uma meta por si só. O indivíduo concentra todos os seus pensamentos, sua fala e seus atos na aquisição de conforto, proveito e prazeres materiais. Assim, ele perde completamente o controle de sua vida.

O teste implícito nisso não é de modo algum fácil. O *Messilat Yesharim* escreve que o afastamento da cobiça constitui um nível sublime da alma:

“Assim como a cobiça por dinheiro é muito grande, ela levanta muitos empecilhos. Para que o indivíduo seja realmente isento deles, é necessário que pratique uma grande análise intelectual e tenha muito cuidado. Se ele estiver livre disso (da cobiça), saiba que já chegou a um nível elevado. Muitos chegaram à (virtude de) piedade em muitos ramos dela mas, no tocante ao ódio pela cobiça, não conseguiram atingir a perfeição”.

Muitos são os que conseguem atingir altos níveis de perfeição em diversos campos do serviço Divino. Neste, porém, isso é muito difícil.

Os chefes das tribos, que trouxeram de sua própria vontade uma oferta extremamente cara, mostraram que se deve dar primazia à espiritualidade. Que se deve preferir o que leva ao amor a D'us e não a riqueza. Deles se aprende a separar uma parte considerável dos bens para a carida-

de, bondade e à honra dos Céus.

### **Um Recurso para Atingir a Longevidade**

Nossos sábios falam, em diversos lugares, da enorme importância do altruísmo em relação ao dinheiro e da extraordinária bênção que o segue.

Assim, consta no Talmud (*Massêchet Meguilá* 28a):

“Perguntaram os alunos de *Rabi* Nechunýá *ben* Hacanê: Pelo que teve (o senhor) o mérito de ter uma vida longa? Respondeu a eles: Nunca me honrei com base na vergonha de meu companheiro; não subiu à minha cama a maldição de meu amigo, e indulgente com meu dinheiro eu fui... Pois falou Mar: *Iyov* era indulgente com seu dinheiro, pois deixava uma moeda para o padeiro junto com o dinheiro”. Toda essa passagem é explicada pelo *Maharshá* no primeiro capítulo de *Massêchet Bavá Batrá*.

No livro de *Iyov* está escrito que ele viveu muito bem por longos anos após haver sobrepujado os testes que D'us lhe impôs: “E viveu *Iyov*, depois disso, cento e quarenta anos. Viu seus filhos e os filhos de seus filhos; quatro gerações. Faleceu *Iyov* idoso e satisfeito de anos”. A longevidade de *Iyov* aconteceu, entre outros, por sua indulgência quanto ao dinheiro. Por isso, *Rabi* Nechunýá *ben* Hacanê respondeu que um dos motivos de sua longevidade foi ter sido indulgente com seu dinheiro.

No mesmo trecho consta que *Rabi* Akiva perguntou a *Rabi* Nechunýá *Hagadol* por qual mérito ele viveu tanto tempo. *Rabi* Nechunýá também respondeu que foi por esta característica.

É difícil apontar exatamente qual é o verdadeiro elo entre a indulgência e a longevidade. De um modo geral,

parece que a primeira é capaz de servir como parâmetro para a direção na qual se inclina a alma do indivíduo e quais são os valores que lhe são realmente relevantes.

Aquele que abre mão de seu dinheiro demonstra que a espiritualidade é o principal em sua vida. A alguém assim, D'us concede a possibilidade de continuar a vida, levá-la a um elevado grau de plenitude, aproximar-se de D'us e transformar-se em um ente espiritual.

Em *Massêchet Avodá Zará* (18) consta que *Rabi* Yossi *ben* Kismá falou a *Rabi* Chaniná *ben* Teradyon: “Seja minha parte de sua parte e meu destino de seu destino”. *Rashi* explica que o motivo que *Rabi* Yossi desejou ter o mesmo destino de *Rabi* Chaniná era o fato de este ser indulgente quanto a seu dinheiro. Isso ficou evidente com o episódio do dinheiro que *Rabi* Chaniná deu para os pobres em *Purim*, o qual tinha se misturado com outras moedas de *tsedacá*.

D'us auxilia os que agem em prol dos preceitos da *Torá*; concede-lhes longevidade e permite a eles que cheguem à meta desejada da vida.

### **A Importância de Honrar o Próximo**

Uma segunda lição deste episódio se aprende do fato de os chefes das tribos terem tomado cuidado para um não oferecer mais que o outro.

No capítulo 20, que trata sobre a virtude de “*chassidut*” (devoção), o *Messilat Yesharim* diz o seguinte:

“Não se deve julgar elementos de *chassidut* à primeira vista. É necessário analisar e refletir até onde chegam as consequências do ato que se pretende fazer. Isso porque, às vezes, o próprio ato parece bom mas, uma vez que suas consequências são ruins, é necessário evitá-lo. Caso rea-

lize o ato nessas condições, será um pecador e não um piedoso”.

O *Messilat Yesharim* continua:

“Veja (por exemplo): é óbvio que é apropriado a cada indivíduo que se apresse e corra para executar um ato de *mitsvá*, esforçando-se por ser um dos primeiros a tratarem dele. Porém, às vezes, por isso podem acontecer discussões, sendo que o preceito mais será desprezado e o Nome de D’us mais profanado do que honrado. Nestes casos, certamente o piedoso deve abandonar este preceito e não correr atrás dele”.

Em outro trecho o *Messilat Yesharim* diz algo semelhante: “...tudo isso em relação a agir com um acréscimo de piedade. Se caso o piedoso fizer isso perante as massas e os demais o desprezarem e zombarem dele, eles (os zombadores) se tornarão pecadores e serão castigados por causa do piedoso. Nestes casos o piedoso podia deixar de praticar o acréscimo de piedade, por não se tratarem de obrigações totais. Eis que, sobre algo assim, é certamente mais correto que o piedoso desista de agir”.

É apropriado frisar que, no tocante a preceitos e proibições obrigatórios, estes constituem deveres impostos a todos. Nesses casos deve-se empreender todo o esforço possível para que sejam cumpridos, sem que se pese “o que dirão os outros”. A ordem Divina é o único fator que conta nestas oportunidades.

No entanto, há muitos assuntos que não são obrigatórios, constituindo níveis elevados de piedade e de serviço Divino. Nesse campo, valem as palavras do *Messilat Yesharim*: que o indivíduo deve analisar bem quais serão as consequências de seus atos.

Há vezes nas quais a intenção é positiva, mas a consequência não é. O

resultado pode levar ao escárnio das criaturas, a desavenças ou ao desprezo da Honra dos Céus, *chás veshalom*, entre outros. Nestes casos, é preferível deixar de agir. Isso está incluso nas características da importante virtude de “*chassidut*”, à qual o *Messilat Yesharim* dedica uma explicação abrangente.

Os chefes almejavam doar para a inauguração do *Mishcan* e, para isso, ofereceram generosamente uma grande quantia de dinheiro, conforme explicado anteriormente. Junto com isso, eles tomaram muito cuidado para que outros não fossem atingidos por seus bons atos e que não despertassem inveja.

Todos doaram uniformemente. Desse modo, com seus atos incrementaram a amizade e a união. Conforme diz o *Midrash*: “os chefes cuidaram para não oferecer um mais que o outro”.

### “Pedem Permissão Um ao Outro”

O profeta Yesha’yáhu, no capítulo 6, descreve como os anjos santificam o nome de D’us: “e chamou um ao outro e disse: ‘Santo, Santo, Santo é o Eterno, D’us das hostes’, e assim por diante.”

Sobre isso Rashi explica: “(Os anjos) pedem permissão um do outro, para que um não se antecipe ao outro e mereça ser queimado. Em vez disso, começam todos juntos. É isso que foi instituído para ser recitado na oração de *Yotser Ôr*: ‘Santidade todos, como um só, respondem e falam com temor’. Aprende-se daqui a importância de todos começarem juntos, a ponto de que aquele que não o faz merece ser duramente castigado.

Isso é explicado também no *Tossafot* (sobre *Chaguiqá* 13b): “‘novos para as manhãs’ – (essa expressão significa

O judaísmo  
mais perto de você!

editora & livraria  
**SEFER**  
A LIVRARIA JUDAICA DO BRASIL  
[www.sefer.com.br](http://www.sefer.com.br)

Alameda Barros, 735 | tel. 11 3826-1366  
[www.sefer.com.br](http://www.sefer.com.br)

Edmond Khafif  
e filhos

Parabenizam a  
Congregação Mekor Haim  
pela divulgação dos valores  
judaicos e desejam paz  
e saúde para todo  
Am Yisrael.

**NASCENTE**

RESERVE O SEU  
ESPAÇO NA EDIÇÃO  
DE PESSACH

11 3822-1416  
REVISTA\_NASCENTE@HOTMAIL.COM

A confiabilidade dos  
anúncios desta publicação  
é de inteira responsabilidade  
dos anunciantes, não  
cabendo responsabilidade à  
diretoria da Congregação  
ou a seus associados.

**NASCENTE**

que o Eterno) cria anjos a cada dia; eles entoam uma canção e são exterminados, conforme é trazido em seguida. Isso porque há um sinal entre os anjos fixos, que esperam um ao outro para entoarem a canção; enquanto que esses novos não sabem disso, apressam-se para cantar e merecem perecer”.

Tudo isso demonstra a necessidade de servir a D’us simultaneamente e com união. Os chefes das tribos agiram assim. Eles se esforçaram para não se sobressaírem em relação a seus colegas, trazendo suas oferendas com a mesma medida.

### “Engrandecem ao Eterno Comigo”

Consta em *Massêchet Berachot* (45): “Disse *Rabi Chanan bar Aba*: de onde aprendemos que aquele que responde *amen* não deve elevar sua voz mais alto que o que recita a bênção? A respeito disso está escrito: ‘engrandecem ao Eterno comigo e elevemos Seu Nome conjuntamente’. Escreve sobre isso o *Meiri* (acerca de *Massêchet Nazir* 66b): “pois, às vezes, o que ouve faz mais *cavaná* (intenção) do que aquele que abençoa”.

Explica o *Rav Chayim Efráyim Zaitchik* em seu livro *Col Tsofáyich (Parashat Yitrô)*: “Pois, uma vez que eleva sua voz mais do que aquele que abençoou, demonstra sua exaltação,

emoção e agradecimento a D’us. Desta forma, é como se ele procurasse mostrar sua vantagem e seu maior sentimento, comparado àquele que abençoa. Aquele que faz isso, como que diminui e apaga a luz e a voz da discreta oração de seu companheiro. Às vezes, isso acontece também com seus mestres, demonstrando como ele está mais exaltado ou mais emocionado que eles”.

Isso nos ensina que, juntamente com o serviço Divino, é imposto a cada um de nós não se colocar acima dos outros. É um dever também conceder aos semelhantes a oportunidade de eles se expressarem, avançarem e terem êxito em seu campo de trabalho. É importante deixar que cada um possa servir a D’us, para que o Eterno tenha satisfação de todo o Povo de Israel.

Nisto destacaram-se os chefes das tribos, que demonstraram o bom caminho a todos os que vieram depois deles.

### Qual É a Verdadeira Honra?

Um terceiro ponto é aprendido do fato de D’us ter honrado os chefes e permitido a eles que trouxessem suas oferendas até mesmo no dia de *Shabat* – para que não houvesse uma pausa entre as oferendas.

Consta em *Shemot Rabá (parashá* 8, 1): “Por que o Criador é chamado de

‘Rei da Honra’? Porque ele honra aqueles que O temem. Assim nos ensinaram nossos sábios: ‘Quem é o honrado? Aquele que honra as criaturas”.

À primeira vista, a lição aqui contida é oposta ao que é geralmente aceito – que o honrado é aquele que recebe honrarias dos outros. Nossos sábios enfatizam o contrário: o honrado é justamente aquele que honra os demais.

O fato de honrar os outros demonstra que o indivíduo é interiormente honrado e possui uma importância própria, o que reflete exteriormente. O fato de ele ser honrado pelos outros, no entanto, não necessariamente demonstra isso. Sendo assim, D’us – Que possui a mais elevada honra interior – honra os outros.

Se cada um dos chefes procurasse trazer mais que o outro, ele não chegaria à meta almejada, não receberia honrarias por parte de D’us e sua oferenda não poderia ser trazida no *Shabat*. Foi justamente o fato de cada um abrir espaço para que o outro pudesse servir ao Criador, que trouxe a eles a honra.

Deles aprendemos a respeitar os outros, auxiliar e honrar cada membro do Povo de Israel, para sermos realmente considerados honrados.

do livro “A Fonte da Vida”



# Bituach Haim Seguro da Vida

Este novo livro de autoria do Rabino Haim Dichi nasceu das aulas ministradas sobre o capítulo “*Sháar Habitachon*” da obra “*Chovot Halevavot*”, do *Rav Bachyê ben Yossef ibn Pacuda zt”l*. “*Bituach Haim*” é uma verdadeira injeção de fé e confiança!

**Em todos** os momentos, mas especialmente em períodos turbulentos, como os que estamos enfrentando, é preciso que voltemos nossa atenção ao que dizem nossos sábios, nossa *Torá Hakedoshá*. Uma das obras mais lidas, comentadas e analisadas da nossa literatura é o livro “*Chovot Halevavot*” (“*Os deveres do coração*”, em português) considerado a obra-prima do *Rav Bachyê ben Yossef ibn Pacuda zt”l* (Espanha, 1050-1120). Figurando entre os clássicos de filosofia e *mussar* (ética) judaicos, o livro foi traduzido de seu original (escrito em árabe, porém, com as letras do *álef-bêth*) para o hebraico pelo famoso tradutor *Rabi Yehudá ibn*

*Tibon* em 1167. A obra está dividida em “*shearim*” (“portões”, em hebraico), correspondendo aos dez princípios fundamentais que, de acordo com *Rabênu Bachyê*, constituem a vida espiritual humana. Sua primeira publicação ocorreu em 25 de *Tevet* de 1559. Desde então, já ganhou versões para uma infinidade de idiomas, tão diversos quanto o latim e o nosso português.

No início de 2020, quando praticamente o mundo todo parou em virtude da covid-19, o Rabino Haim Dichi deu início a um grupo de estudos, a distância, sobre um dos capítulos do “*Chovot Halevavot*”, chamado *Sháar Habitachon* (Portão da Confiança). Segundo o rabino, “trata-se de um assunto sempre necessário mas, naquele momen-

to – e que se estende até agora – havia uma oportunidade para fortalecer nossa *emuná* (fé) e *bitachon* (confiança) em *Hashem*. Nesse ano conseguimos entender conceitos que seriam muito difíceis de serem assimilados por nós em ‘épocas normais’. E essas ideias estão no *Sháar Habitachon* do ‘*Chovot Halevavot*’.

As aulas foram transcritas, editadas e agora chegam às mãos do leitor no recém-lançado livro “*Bituach Haim – Seguro da Vida*”, que está disponível para retirada na Congregação Mekor Haim, bem como em versão digital no site da Revista Nascente e na plataforma *Amazon Kindle*.

Desde suas páginas iniciais, a obra discorre sobre a vital e primordial importância de ter-se confiança plena em *Hacadosh Baruch Hu* em todas as áreas de nossas vidas: saúde, sustento, casamento, educação dos filhos... “A verdadeira tranquilidade só é alcançada por meio do *bitachon* pleno em *Hashem*”, frisa *Rabênu Bachyê* na introdução de seu livro. Assim, estando conscientes do papel fundamental do *bitachon* em *Borê Olam*, o livro aborda questões que permeiam nossa existência, como: “Que profissão escolher?”; “Quanto devemos nos dedicar ao trabalho?”; “Como lidar com as finanças?”; “Por que as massas têm de trabalhar muito”, entre outras.

Para elucidar os conceitos profundos embutidos no *Sháar Habitachon*, Rabino Haim lançou mão de um paralelo entre a confiança que devemos depositar em *Hashem* a uma apólice de seguro. Diferentemente das restrições impostas nos contratos das seguradoras, *Hashem*, Nosso Único e grande segurador, não deixa de cobrir nenhuma de nossas necessidades, ainda que nós não mereçamos. Isso tudo devido, exclusivamente, à Sua infinita bondade e misericórdia.

Entretanto, alerta *Rabênu Bachyê*,

devemos seguir os conselhos da *Mishná* (*Avot* 1:3): “*Não sejam como servos que trabalham para seu mestre com a condição de receber recompensa. Em vez disso, sejam como servos que trabalham para seu mestre sem a condição de receber recompensa*”. A confiança total em *Hashem* é a chave para nosso serviço a Ele, bem como de nossa aproximação a Ele.

Outro ponto interessante abordado pelo *Sháar Habitachon* é a clássica pergunta: “Por que o caminho do perverso prospera”? “O *tsadic* (que anda nos caminhos de *Hashem* e não gasta seu tempo com coisas banais) deveria ter tudo, enquanto o *rashá* (perverso) não deveria ter nada. Um dos motivos que explicam por que o *tsadic* pode vir a enfrentar dificuldades em sua vida é que, talvez, ele tenha feito um pecado antes de se tornar um justo. Dessa forma, ele tem ‘contas a acertar’ com *Hashem*, pois o desejo do *Borê Olam* é que ele tenha um *Olam Habá* pleno, como merece, livre de faltas. Assim, é preferível que as pague no *Olam Hazê* (...) Por outro lado, os *reshaim* muitas vezes são agraciados com bondades de *Hashem* neste mundo. Talvez eles tenham feito alguma boa ação e por esse motivo recebam a recompensa ainda neste mundo, uma vez que *Hashem* não fica devendo a ninguém. Neste caso, em vez de receberem o Gan Êden pleno que *Hacadosh Baruch Hu* reserva aos *tsadikim*, os *reshaim* receberão um *Guehinam* completo, uma vez que já ganharam seu quinhão neste mundo.”, escreve *Rabênu Bachyê*.

Mas, a “espinha dorsal” do *Sháar Habitachon* é o conceito de que devemos nos apoiar em *Hashem* “como uma criança que confia em sua mãe”. Como diz David *Hamêlech* (*Tehilim* 131:2): “*Juro que acalmei e silencieei minha alma, como um bebê de colo ao lado de sua mãe, como um bebê de colo é minha alma*”. E a raiz para esse *bi-*

*tachon* em *Borê Olam* é acreditar, com toda nossa alma e nosso coração, que Ele é o melhor seguro que há e todas as Suas ações para conosco são para nosso bem maior. “Devemos interiorizar que tudo se trata do melhor para nós, pois é assim que *Hashem* age: para nosso total benefício”, observa o Rabino Haim. Quem assim procede, entende que todos os benefícios, ou o que é aparentemente o contrário disso (*lô alênu*), só podem vir de uma fonte: *Hacadosh Baruch Hu*. Dessa forma, compreendemos que não há mal no mundo e não depositamos nossas esperanças e confianças em outra coisa ou ser humano, que são limitados e finitos. “Se o *báal habitachon* estiver no meio de uma multidão de pessoas, num círculo de amigos, nada mais desejará do que fazer Sua vontade – ansiará apenas pela Sua proximidade. Sua alegria e seu amor a *Hashem* são ainda maiores do que os prazeres que as pessoas têm no *Olam Hazê* e até mesmo do que o contentamento das almas dos *tsadikim* no *Olam Habá*”, diz *Rabênu Bachyê*.

“Todos nós devemos nos fortalecer neste *sháar* em todos os momentos de nossas vidas. É verdade que passamos por um período propício para estudar esse tema, mas ele nunca deve sair de nossas mentes. Devemos agir como cegos, cujo único guia é *Hashem*. Sem Ele, não podemos sequer sair de nossos lugares, ou seja, desempenhar qualquer tipo de atividade, da mais simples à mais complexa, como lucrar, educar os filhos, fazer *tefilá*, etc. Que *Hashem* nos ajude em nossa jornada para atingir níveis mais elevados de *Bitachon* e *Emuná*. Só assim teremos uma vida plena de paz e felicidade, neste mundo e no *Olam Habá*”, escreve o Rabino Haim Dichi. Essa é a lição do *Sháar Habitachon*. ■

# Shimon Stanislav

## A impressionante história verídica do Rabino Shapira e do Pastor Van Klein

Foi no inverno do ano 5719.

Certo sábado à noite na casa do *Rav* Shapira, já tinham terminado a *Havdalá* quando o telefone tocou.

Do outro lado da linha ouviu-se uma voz conhecida. Era um funcionário do Hospital King's Country. A mensagem que ele transmitiu era bem comum para o *Rav* Shapira. Era mais um chamado para atender a um doente internado no hospital que desejava conversar com um rabino.

– Quem é o doente? – perguntou o rabino.

– O Reverendo Stanislav Van Klein – respondeu a voz.

O nome era conhecido, mas a finalidade do convite, nem tanto. Esse era o tal pastor protestante, Van Klein, da Missão da Rua Tillarry, no Brooklyn. A possibilidade de mudanças nos conceitos daquele pastor de 82 anos não parecia possível para o *Rav* Shapira.

Mas a curiosidade para atender a este convite tão urgente na noite de *motsaê Shabat* era grande. Afinal, durante tantos anos de trabalho no hospital, jamais ocorreu um caso tão estranho como aquele convite: um rabino sendo chamado para visitar um pastor protestante doente.

No caminho para o hospital, as idéias mais estranhas passaram pela cabeça do rabino. Os pensamentos, repletos de interrogações, não o abandonaram mesmo enquanto caminhava pelos longos corredores do hospital. Na recepção foi-lhe dito que Stanislav Van Klein estava hospitalizado havia três dias com um problema muito sério no fígado.

O rabino se dirigiu rapidamente ao quarto

no qual Van Klein estava.

Já da porta do quarto era possível discernir o semblante sério do doente. O pastor examinou o olhar daquele que entrava como quem repensava pela última vez sua decisão.

– Feche a porta, por favor – pediu ao rabino.

A porta foi fechada.

No quarto encontravam-se apenas os dois, o rabino e o pastor. Então, sem nenhuma introdução, o pastor explodiu sua notícia como uma bomba:

– *Sholoim aleichem!* Eu sou judeu!

O rabino congelou no local onde estava.

A linguagem que o velhinho utilizou era tão judaica, tão não protestante, que não havia dúvidas sobre a veracidade do grande grito. O pastor cumprimentara o rabino em *yídish*.

“Então”, compreendeu o rabino, “Stanislav Van Klein na verdade é judeu...”.

O pastor, percebendo a inquietude do rabino, continuou, falando num *yídish* perfeito:

– Se o senhor puder me ouvir, contar-lhe-ei a história da minha vida.

Ainda incrédulo, o rabino puxou uma cadeira e sentou-se ao lado de Van Klein para ouvir a seguinte história:

“Eu nasci em Praga. Meu pai se chamava Mordechay Zeev Klinovits e minha mãe se chamava Chaya Keila. Passei minha infância estudando, como todas as outras crianças judias de Praga. Estudei no *chêder* e depois no *bêth hami-drash*. Quando cresci, comecei a ter ambições muito grandes. Sempre fui religioso, mas procurava novidades. Eu tinha um desejo ardente de alcançar algo diferente. Pesquisei, procurei

e tentei encontrar. Sonhei até mesmo em ser um segundo Espinosa.

“Viajei por muitas cidades importantes da Europa. Em 1916, quando já tinha quarenta anos de idade, cheguei aos Estados Unidos. Depois de um ano, entrei no Seminário Teológico Metodista para ser pastor. Nessa época eu já era um *goy*. Depois de cinco anos, decidi participar de atividades missionárias. Trabalhei nelas durante doze anos. Percorri o mundo divulgando o cristianismo. Viajei pelos Estados Unidos de norte a sul. Estive na América do Sul, no norte da África e na África do Sul. Como missionário, queriam me enviar também para *Êrets Yisrael*, mas para lá eu não concordei em ir.

“Quando terminei a minha atividade missionária, voltei para os Estados Unidos. Aqui trabalhei como pastor em Saint Louis, em Saratoga, em Springs e na Geórgia do Sul. Fui, assim, passando de igreja em igreja, até que completei setenta e cinco anos.”

Nesse momento, o doente deu um leve suspiro. Ele se lembrou que, na verdade, jamais deixaram que se tornasse chefe de uma igreja durante todos aqueles anos. Sempre havia um outro pastor superior a ele. Às vezes esse superior era até mais jovem do que ele. Agora ele concluiu que seus superiores não confiavam nele. Ele não era um cristão do ventre. Afinal de contas, ele era apenas um “convertido”.

“Vivi como um *goy* e pensava como um *goy*”, explicou o doente para o rabino, que escutava silenciosa e atentamente. “Mas eu sentia que não acreditavam em mim, que não tinham fé em mim.”

Finalizando sua “confissão”, Van Klein contou que os últimos sete anos ele passara na Casa da Missão, no

Brooklin. Assim foi até três dias antes daquela conversa.

Suspirando profundamente, o doente ficou pensativo. Finalmente, terminou suas palavras dizendo vagarosamente:

“Agora eu quero morrer como um judeu. Nasci como um judeu e quero morrer como um judeu. Meu nome judaico é Shimon *ben* Mordechay Zeev. Eu quero que este seja o nome inscrito no meu túmulo.”

Um silêncio pesado tomou conta do quarto. O pastor convertido descarregou sua consciência. Desabafou todas as suas aventuras e mágoas. O rabino sequer conseguia abrir a boca.

Atônito, sem saber o que fazer, o Rabino Shapira tentou escolher as palavras certas para aquela ocasião e pensou: “Os portões da *teshuvá* realmente não se fecham. Mas será que, pelo fato de um homem como este querer ser enterrado como um judeu, isto pode ser considerado como um pensamento de *teshuvá*?”

O Rabino Shapira se levantou de sua cadeira. Um suspense muito grande pairou no quarto enquanto ele andava de um lado para o outro. As enfermeiras que passavam pelo corredor, do outro lado da porta fechada, não imaginavam o drama que se passava entre aquelas paredes.

O silêncio aterrador foi interrompido de súbito pela voz do rabino:

– Não temos interesse em judeus mortos! Nós nos interessamos por judeus vivos, aqueles que “vivem” como judeus. Quando chega o seu momento, com certeza, eles também morrem como judeus. Mas isso é somente o fim daqueles que viveram como judeus. Se você quer fazer *teshuvá* com esta confissão, que imagino ser honesta, você deve começar a viver como *yehu-*

*di* agora, já, imediatamente.

Então o rabino Shapira passou a indicar os primeiros passos que Van Klein deveria tomar para voltar ao caminho de seus antepassados.

– A partir de agora, você deve parar de comer alimentos não *casher*. Você terá que evitar, no cardápio do hospital, todas as comidas que não são *casher*. A partir de amanhã de manhã, você começará a colocar *tefilin* e rezar. Você deve se comportar como um judeu. Até agora você utilizou seu tempo, dinheiro e empenho em atividades totalmente contrárias ao judaísmo. Agora, você terá que santificar seu dinheiro e seus bens para academias de *Torá* e para instituições judaicas de caridade. Somente então, terei certeza de que você realmente está falando a verdade.

Logo em seguida a este pequeno discurso, o rabino pediu ao doente para escrever uma declaração completa com a história de sua vida, esclarecendo seus pensamentos e seus sentimentos de arrependimento pelo passado. Nesse depoimento, o rabino exigiu que o doente declarasse sua intenção de fazer *teshuvá* completa e verdadeira, e sua vontade de viver como judeu.

– Contudo – disse o rabino – você tem que se lembrar, e jamais esquecer, que no passado você foi um missionário. Que você é uma pessoa com uma grande carga de pecados nos ombros; uma pessoa considerada *messit umedíach* (aquele que incita outros a praticar idolatria).

Em silêncio, o velhinho doente, deitado na cama, prestou atenção, como um réu, ao decreto do rabino. As palavras duras que ele acabara de ouvir não foram nada agradáveis. Quase que inaudivelmente ele disse:

– As exigências são mais do que justificadas. Agora é muito tarde da



noite. Dê-me um dia para pensar.

– Quantos judeus você fez sofrer na sua carreira missionária? – perguntou o rabino para o pastor.

– E o que eu sozinho me atormentei não foi o suficiente? – foi a resposta.

Quando o Rabino Shapira perguntou a Van Klein por que ele nunca se casara, o pastor não respondeu. Quando o rabino levantou a possibilidade de que ele não queria deixar para o futuro uma geração de *goyim*, o doente respondeu:

– Você tem o direito de pensar assim...

Antes que o rabino se despedisse, Van Klein pediu ainda que o rabino entrasse em contato com seu primo, um conhecido juiz *yehudi* em Nova Iorque.

– Peça-lhe, por favor, que venha rapidamente ao hospital. Conte-lhe sobre a nossa conversa – disse o velhinho ao rabino.

O Rav Shapira entrou em contato com aquele juiz. A primeira reação do magistrado foi terrível:

– Quem quer saber desse sujeito convertido que envergonhou toda a nossa família?!

Depois de uma longa conversa com o rabino, o coração do juiz se enterneceu e ele concordou em passar no Hospital King's Coutry.

Somente quando chegou lá, descobriu que era tarde demais. Não era mais possível conversar com o doente, que entrara em coma profundo. Às nove horas da manhã da segunda-feira, o Rav Shapira voltou para visitar Van Klein e encontrou-o agonizante. Era quase certo que não haveria uma outra conversa. Ao lado da cama, jazia um pedaço de papel escrito pelo próprio punho de Van Klein, em *yídish*:

“Nasci como *yehudi* e quero mor-

rer como *yehudi*, com o *Shemá Yisrael* em meus lábios e em meu coração. O caminho de volta é muito duro e amargo, mas não há outro caminho. Assinado: Shimon *ben* Mordechay Zeev Klinovits.”

A notícia sobre a confissão e a revelação daquele grande segredo balançou todo o corpo de enfermeiros e médicos do hospital. O doente, o pastor protestante do hospital, não era um estranho para eles. Como representante do cristianismo, trabalhou no hospital muitos anos. Maior ainda foi o estremecimento entre seus amigos, os colegas da missão da Rua Tillarry, no Brooklin. Eles reagiram como se alguém quisesse arrancar deles uma alma.

Com relação à herança, estava tudo muito claro, escrito na sua confissão, no seu testamento.

A licença para o enterro foi concedida pelo juiz parente do falecido. O que mais intrigava era a pergunta *haláchica*: Será que uma pessoa que no seu passado foi pastor e missionário poderia ser enterrado em um cemitério judaico?

Essa questão foi levada pelo Rabino Shapira ao *Gaon* Rabino Yossef Eliyáhu Henkin, um *possec* nos Estados Unidos. Depois que ouviu todos os detalhes da história, o rabino deu o veredicto de que não havia nenhum impedimento para enterrar aquele homem num cemitério judaico. A situação mostrou, realmente, que o pastor viveu como uma pessoa que lutou contra o judaísmo. Porém agora, nos últimos momentos da sua vida, fez *teshuvá* completa.

Enrolado nas mortalhas e no *talet*, Shimon *ben* Mordechay Zeev foi, enfim, enterrado num cemitério judaico.

do Yated Neeman

Atualize seu e-mail para receber os informativos da Congregação Mekor Haim

Envie uma mensagem para: revista\_nascente@hotmail.com

Os produtos e estabelecimentos casher anunciados não são de responsabilidade da revista

**NASCENTE**

Cabe aos consumidores indagar sobre a supervisão rabínica

**NASCENTE**

A revista *NASCENTE* contém termos sagrados. Por favor, trate-a com respeito.

*David Abadi e Família*

Desejam muito sucesso material e espiritual para toda a *kehilá*.

# Leis e Costumes de Purim

Purim é celebrado anualmente no dia 14 do mês de adar – ou adar II, quando houver – para comemorar a salvação dos judeus da conspiração de Haman, conforme relatado na “Meguilat Ester”.

Essa conspiração aconteceu há 2372 anos, no ano 3.409 do calendário judaico, antes da reconstrução do Templo Sagrado.

Neste ano, as comemorações se iniciam na quinta-feira, dia 25 de fevereiro, com o Jejum de Ester.

Purim será comemorado na quinta-feira à noite e na sexta-feira, dias 25 e 26 de fevereiro. O dia 15 de adar, sábado, é denominado “Shushan Purim”.

As leis que dizem respeito à festa de Purim foram prescritas pelos sábios da Grande Assembleia – Anshê Kenêset Hagedolá.

Rabino I. Dichi

## A Meguilat Ester

Em *Purim* deve-se ouvir a leitura da *Meguilat Ester*, na qual consta a história de *Purim*, duas vezes. A primeira vez na noite de *Purim* – este ano quinta-feira, 25 de fevereiro. A segunda leitura da *Meguilá* é realizada na manhã seguinte, 26 de fevereiro, após a oração de *Shachrit*. Quem não ouvir a leitura de manhã deverá cumprir esta *mit-svá* ao longo do dia. Este é o motivo principal da celebração, conforme nos conta a própria *Meguilá* (9:28): “E esses dias serão recordados e celebrados de geração em geração, de família em família, de província em província, de cidade em cidade.”

Há algumas cidades que realizam a leitura da *Meguilá* no dia 15 de *adar* e não no dia 14. São as cidades que estavam cercadas por mu-

ralhas na época de Yehoshua *bin* Nun – mesmo que hoje não mais estejam. Isso acontece em lembrança àqueles que em Shushan *Habirá* (a capital do Império Medo-Persa) não descansaram até esse dia (15 de *adar*). É por essa razão que em Jerusalém, por exemplo, festeja-se *Purim* no dia 15 de *adar*.

Antes da leitura da *Meguilá* é necessário desenrolá-la totalmente. Isso por causa da passagem da *Meguilá*: “...por todos os ditos desta ‘carta’”. Já que o normal ao ler uma carta é abri-la totalmente antes de começar a ler, assim devemos proceder em relação à *Meguilat Ester*.

Antes e depois de proceder à leitura da *Meguilá*, em um rolo de pergaminho escrito à mão, o *chazan* profere as *berachot*. Os demais presen-





tes devem prestar atenção às *berachot* respondendo *amen*. É necessário ter intenção de que as *berachot* valham também para eles e, depois, acompanhar atentamente a leitura em seus rolos de pergaminho ou em seus livros. Ao ouvir a berachá de “*Shehecheyánu*”, deve-se pensar também nas demais *mitsvot* do dia.

Deve-se observar o máximo de silêncio durante a leitura da *Meguilá*, já que é necessário escutar todas as palavras, e é proibido conversar até o final da última *berachá*.

Tanto homens como mulheres devem ouvir a leitura da *Meguilat Ester*.

#### **Mishlôach Manot**

É o envio de alimentos. No dia de *Purim*,

entre o nascer e o pôr do Sol, devemos enviar pelo menos dois alimentos a um amigo, símbolo da irmandade e amizade entre os judeus.

Não é necessário que os alimentos sejam de *berachot* diferentes.

Os alimentos devem ser de consumo imediato e conter, no mínimo, 28g (sólidos) ou 86ml (líquidos).

Um homem deve enviar *mishlôach manot* para outro homem e uma mulher para outra mulher – de preferência por intermédio de um mensageiro.

#### **Matanot Laevyonim**

Em *Purim* lembramo-nos dos pobres e necessitados com mais generosidade que em

outros dias, oferecendo-lhes presentes e donativos; é o que chamamos de “*matanot laevyonim*” – presentes aos necessitados.

Os presentes devem ser dados a pelo menos duas pessoas diferentes e é melhor dar dinheiro ou comida já preparada. Essa *mitsvá* é ainda mais importante que *mishlôach manot* e *Seudat Purim*. Rambam – Maimônides – diz que não existe maior felicidade que a de alegrar o coração dos pobres.

De uma forma geral, durante a festa de *Purim* devemos ser caridosos com o próximo e aumentar nossos atos de *tsedacá*.

Não se deve fazer nenhuma distinção entre os pobres. Em *Purim* deve-se dar as “*matanot*” a quem deseje recebê-las.

É obrigatório que os mais pobres também dêem presentes a seus semelhantes, mesmo se eles próprios dependem da caridade. Esse sentimento de igualdade se manifesta por intermédio da felicidade que sentimos na festa de *Purim*. Quando Haman, o Perverso, planejou aniquilar os judeus e saquear suas riquezas, ricos e pobres sentiram-se igualmente atingidos. A riqueza não era um meio de salvação e todos sentiam-se pobres. Experimentavam o que era a humilhação, o temor constante pela morte e a opressão.

O que se distingue em *Purim* é a fraternidade reinante entre os *yehudim*, que celebram essa festa da salvação com a mesma alegria e felicidade.

Em *Purim* o pobre recebe mais caridade do que de costume e é tratado com mais bondade e cuidado. Ainda que o dinheiro seja algo tão material, capaz até de corromper alguns indivíduos, em *Purim* demonstramos quão útil ele pode ser se empregado corretamente. Nessa festa, uma pessoa pode demonstrar muito amor, carinho e objetividade por meio dos *mishlôach manot* e *matanot laevyonim*.

### Seudat Purim

*Seudat Purim* é a refeição festiva que fazemos no dia de *Purim*, entre o nascer e o pôr do Sol. Nesta refeição não deve faltar carne e vinho.

Normalmente, costuma-se iniciar a *Seudat Purim* no final do dia, estendendo-se noite adentro.

A palavra “festividade” é a chave de toda a história de *Purim*. A Rainha Vashti foi condenada à morte em uma festividade e a derrota de Haman também resultou de uma festividade.

A “festividade”, portanto, é uma das facetas importantes na celebração de *Purim*. Festejar *Purim* é uma *mitsvá* tão significativa como a de acender as velas de *Chanucá*.

As comemorações de *Purim* nos ensinam ainda a seguinte lição: além da oração e do jejum – com o que se acredita geralmente estar servindo a D’us – podemos também servir ao Criador com “*simchá*” – alegria. Os alimentos e as bebidas habituais também podem ser elevados a um nível especial.

### Machatsit Hashêkel

Na época do Templo, todos os homens com idade entre 20 e 60 anos doavam, uma vez por ano, meio shêkel, que era destinado para a compra dos *corbanot* (oferendas, sacrifícios) públicos. Esta quantia era recolhida desde o princípio do mês de *adar*.

Em nossos dias, costuma-se dar aos pobres três moedas no valor – cada uma – de meio shêkel, ou três vezes o valor de meia unidade da moeda circulante no país, ou o valor de meio shêkel da *Torá* (aproximadamente 10g de prata) em recordação ao meio shêkel que era doado na época do Templo. Também em memória a que Haman quis comprar, de Achashverosh, todo o povo de Israel por 10.000 moedas de prata para aniquilá-los. Nossa *tsedacá* é a resposta para a maldade de Haman.

### Parashat Zachor

No *Shabat* anterior a *Purim* lê-se, nas sinagogas, os versículos do livro de *Devarim* (25:17-19) nos quais se relata o preceito bíblico de lembrar (*zachor* = lembra) o ódio do povo de Amalec para com o nosso povo: “Recorda do que te fez Amalec no caminho, quando saías do Egito... quando estavas cansado e debilitado. Mas quando o Eterno teu D’us te fizer descansar de todos os teus inimigos na terra que te deu por herança, apagarás a memória de Amalec de debaixo dos Céus, não te esquecerás.”

Este ano o *Shabat* anterior a *Purim* cai no dia 20 de fevereiro.

### Jejum de Ester

Tal qual nos relata a *Meguilat Ester*, no dia em que o povo de Israel deveria ser aniquilado pelos seus inimigos, isto é, no dia 13 do mês de *adar*, os judeus conseguiram sua salvação vencendo o adversário. O dia 13 de *adar* foi declarado, então, como sendo um dia de jejum, em memória da petição que a Rainha Ester fez ao povo, para que jejuassem e suplicassem a D’us pela anulação da malvada sentença de Haman.

Este ano, o dia 13 de *adar* cai na quinta-feira, dia 25 de fevereiro. Na cidade de São Paulo, o jejum deve ser realizado das 04h48m às 19h09m.

Apesar da vitória, jejuamos para que a cada ano, através das gerações, recordemos que nossos inimigos continuam à nossa espreita. Apesar de termos vencido naquela ocasião, não temos assegurada a vitória em combates vindouros.

É por isso que a alegria de *Purim* não pode ser completa e deve ser precedida por um dia de jejum, de reflexão e de aflição, pois somente por meio de nossas boas ações e do nosso arrependimento sincero conseguiremos vencer sempre os nossos inimigos. ■



# Amizade

Eis uma questão fascinante: Qual a essência da amizade? Talvez a maioria das pessoas tenha muitos amigos. Pessoas com quem se socializam, praticam esportes, viajam, compram, jantam. Mas eles são verdadeiros amigos?

R. Kalman Packouz z"l

**Eis uma** questão fascinante: Qual a essência da amizade? Talvez a maioria das pessoas tenha muitos amigos. Pessoas com quem se socializam, praticam esportes, viajam, compram, jantam. Mas eles são verdadeiros amigos?

Há uma velha história, talvez seja um *mi-drash*, que nos conta sobre um homem de negócios do passado. Ele fora acusado de espionagem pelo governo. Depois de ser condenado à morte, o homem pediu trinta dias para voltar para casa, para colocar seus negócios em ordem e despedir-se da família.

O juiz riu da ridícula proposta. O homem então falou ao juiz que tinha um amigo que ficaria na cadeia em seu lugar até que voltasse

– e se não voltasse, seu amigo morreria em seu lugar.

Isso o juiz queria ver.

Mandaram chamar o amigo. Na mesma hora, com toda a presteza, o amigo concordou em ficar preso no lugar dele todo o tempo, até a hora da forca.

O negociante voltou para casa, arrumou seus negócios, despediu-se da família e partiu bem antes de expirarem os trinta dias. Infelizmente, porém, houve uma tempestade no mar e ele se atrasou. Chegou um pouquinho antes da hora da execução.

O homem correu para a praça da cidade, onde seu amigo já estava com a corda no pescoço, e gritou: “Parem! Sou eu que devo ser

executado!”

Ao ouvi-lo, seu amigo também gritou: “Não, você está muito atrasado!”

Eles criaram tal comoção e confusão, que o rei mandou trazê-los ante ele.

Cada um apresentou seus motivos para ser executado. Logo, estavam discutindo entre si sobre quem deveria morrer. Finalmente, o rei os interrompeu e disse: “Eu perdooarei os dois, porém, com uma condição: que vocês me façam seu terceiro amigo!”

Qual é a essência da amizade? Lealdade.

Um verdadeiro amigo está sempre disponível. Ele não pode – e provavelmente não deve – aceitar cada aspecto do nosso comportamento. Mas sempre está por perto, tanto nas más como nas boas horas.

Um verdadeiro amigo importa-

se tanto conosco, que nos diz quando agimos errado – mas o faz de um modo que possamos ouvi-lo, com amor. Um verdadeiro amigo nos ajuda a crescer como seres humanos e a atingirmos nossas metas.

Como se consegue um verdadeiro amigo?

Primeiro, sejamos cuidadosos com quem escolhemos para ser amigo. Se amizade implica comprometimento e lealdade, devemos selecionar nossos amigos cuidadosamente. Um amigo pode nos ajudar a subir na vida ou pode nos derrubar. É necessário procurar conhecer o caráter e o histórico do candidato antes de torná-lo nosso amigo.

O *Pirkê Avot* dá o seguinte conselho: “*Kenê lechá chaver*” – adquira um amigo. Obviamente, não se pode “comprar” um amigo. Mas eu tinha um amigo que sempre me dizia:

“Amigos permanecem amigos por mais tempo quando se dão presentes (o problema é que ele queria somente receber...)”.

Ainda assim, a amizade requer investimentos. Se quisermos que alguém seja nosso amigo, devemos oferecer nosso comprometimento e lealdade, para recebermos sua amizade em troca. É algo muito parecido com o casamento. Precisamos cuidar dos interesses de nossos amigos e estar próximos a eles. A propósito, se quiser descobrir quem o ama e está preocupado com você, analise quem gosta de seus filhos. Se seu amigo importa-se com seus filhos, ele realmente se importa com você.

A vida é enriquecida pela verdadeira amizade. Um verdadeiro amigo multiplica as alegrias e divide as tristezas.

Meor Hashabat Semanal

**CAMESA**  
a cara da sua casa

**PARABENIZAMOS A CONGREGAÇÃO**  
PELA DIVULGAÇÃO DOS VALORES JUDAICOS

SAC: 11 2431 5000

[www.camesa.com.br](http://www.camesa.com.br)

[f camesa.ltda](https://www.facebook.com/camesa.ltda)

[@camesaoficial](https://www.instagram.com/camesaoficial)

# A Torá Só Pode Ser Divina

Analizando racionalmente a mitsvá de shemitá, percebemos claramente a origem Divina da Torá.

R. I. Betech

*Baruch Hashem*, estamos numa época em que vemos como se cumpre a passagem que relata como *Hashem* há de mandar uma fome sobre a Terra, mas não uma fome de pão nem uma sede de água, mas de escutar as palavras de D'us.

No início de *Parashat Behar*, consta na *Torá*: “*Vaydaber Hashem el Moshê Behar Sinay lemor*” – *E falou o Eterno a Moshê no Monte Sinai, dizendo...* Surge imediatamente a seguinte pergunta clássica: É frequente a *Torá* usar a expressão: “E disse o Eterno a Moshê, dizendo”. Por que neste caso estão acrescentadas as palavras “*Behar Sinay*”? Qual a relação existente entre *Behar Sinay* e o assunto a ser tratado a seguir – o tema do ano sabático? Afinal, se toda a *Torá* foi outorgada no Monte Sinai, por que somente aqui isso é citado?

Uma das respostas para esta questão é explicada pelo *Chatam Sofer zt”l*: Com esta frase a *Torá* quer nos dizer o seguinte: Se você observar o conteúdo da passagem que segue, que trata sobre o ano sabático, ou seja, o mandamento de deixar a terra descansar no sétimo ano (assim como descansamos no sétimo dia),

então se dará conta de que a *Torá* foi verdadeiramente outorgada no *Har Sinay*. Não terá margem de engano, conforme acreditam algumas pessoas carentes de conhecimentos profundos do judaísmo. Essas pessoas, influenciadas por ideologias de outros povos, julgam a *Torá* de forma superficial e crêem que ela foi, *chas veshalom*, dada por um ser humano, escrita em diferentes épocas por diferentes pessoas.

Ou seja: somente D'us poderia ter dado a *Torá* a Moshê no *Har Sinay*. Prova disto é a passagem que segue e por isso a introdução cita “*Behar Sinay*”.

O tema tratado fala da *mitsvá* de *shemitá*: “Seis anos semearás teu campo e seis anos podarás tua vinha, e recolherás o seu produto. E no sétimo ano, *Shabat* de descanso será para a terra, *Shabat* em nome do Eterno. Teu campo não semearás e tua vinha não podarás...”. No sétimo ano a terra deve ser consagrada para o Eterno, sem ser lavrada e sem que nela sejam praticados outros tipo de atividades agrícolas.

Analizando esta passagem, surge uma questão óbvia. Vejamos: A *Torá* ordena que

todo o Povo de Israel, durante um ano e em todo o território de *Êrets Yisrael* deve se abster simultaneamente de trabalhar a terra. Quem sabe, segundo os conceitos modernos, isto seja algo tolerável, mas na antiguidade, há 3.300 anos, quando não havia meios para fazer colheitas muito grandes e conservar os grãos com facilidade, se um país inteiro durante um ano não lavrasse a terra, seria algo fatal. De que viveriam? O que comeriam?

E a isto o Criador responde logo em seguida, com a passagem: “E se disserdes: ‘O que comeremos no sétimo ano, visto que não haveremos de semear nem recolher para casa o que a terra nos produzir?’ Eu mandarei a Minha bênção para vós, no sexto ano, e produzirá bastante produto para os três anos”.

Esta curta passagem já é prova, por si só, de que a *Torá* foi outorgada pelo Eterno. Qual ser humano seria capaz de prometer que a cada seis anos, caso cumprissem uma determinada ordem (de não trabalhar no sétimo), a terra daria produto suficiente para três anos?

Mesmo que se quisesse explicar esta promessa como algo lógico, seria impossível. Porque é uma afirmação que não respeita a lógica nem as leis da natureza. Ninguém pode querer justificar tal afirmação dizendo que Moshê foi um grande agrônomo, conhecedor de leis agrícolas e que está aqui revelando algum segredo da natureza, pois, de acordo com a lógica, deveria acontecer algo totalmente contrário à promessa da *Torá*. A lógica poderia dizer (e é sabido hoje) que a terra necessita reabastecer-se de recursos minerais. Isto pode ocorrer por meio de um descanso ou de uma rotação de cultivos. Através deste raciocínio, a terra geraria me-

lhores produtos no ano posterior ao descanso e não no anterior. A lógica diria que no sexto ano, quando a terra está mais esgotada, o produto não deve ser o melhor. Mas D’us, e somente Ele, pode garantir que no sexto ano enviará um produto triplo, dizendo: “*vetsiviti et birchati*” – e ordenarei Minha bênção.

Esta bênção seguramente cumpriu-se por centenas de anos, quando a *mitsvá* tinha sua aplicação original, quando a maior parte do Povo de Israel estava habitando a Terra de Israel. Quando o povo observava o ano sabático, a terra dava um produto adicional no sexto ano.

Quem poderia assegurar, e não somente assegurar, mas cumprir tal promessa, totalmente ilógica, se não o Todo-Poderoso?

Nossos sábios recomendam: “Quem quiser fortalecer sua confiança e segurança no Todo-Poderoso deve dedicar-se às atividades agrícolas”. Isto porque depois de todo o trabalho no campo, ninguém, a não ser o Criador, pode garantir o sucesso. Quando o camponês semeia, desenvolve profundamente o conceito de fé e confiança em *Hashem*. E a cada seis anos os camponeses viam como esta bênção se cumpria.

Este então é o conceito transmitido pelo *Chatam Sofer zt”l*: O texto diz: “E falou o Eterno a Moshê no Monte Sinai, dizendo”. Por que neste versículo estão acrescentadas as palavras *Behar Sinay*? Porque desta passagem facilmente concluímos que a *Torá* foi dada por D’us no *Har Sinay*.

#### Casos recentes

Em nossos dias, esta *mitsvá* de *Shemitá* não tem vigência como tal, pois a maioria do Povo de Israel está no exílio e não tem esta obrigação na

forma original. Entretanto, por recomendação do *Chazon Ish zt”l* e de outros grandes sábios, muitos *yehudim* seguem esforçando-se, apesar das dificuldades, em cuidar do ano sabático até nossos dias.

Atualmente, muitas pessoas, demonstrando fé e confiança no Todo-Poderoso, seguem observando este mandamento. Hoje conhecemos inúmeros relatos de milagres revelados, acontecidos justamente com estas pessoas. Como o caso do grande *tsadik Rav* Salman Mutsafi, que todos os anos colhia 7 quilos de trigo, a não ser no sexto ano, quando colhia 21 quilos. Este é apenas um fenômeno particular dos tempos modernos, que ocorria com esta grande personalidade, detentora de gigantesca fé no Criador.

É famoso também o caso de um *moshav* chamado Comemiut, ocorrido na década de 50 em *Êrets Yisrael*, cujos trabalhadores, seguindo as recomendações do grande sábio *Chazon Ish zt”l*, depois de passado um ano inteiro de *Shemitá* sem trabalhar, ainda esperaram para semear somente depois de *Sucot* (para não trabalhar nem mesmo em *chol hamoed*). Neste ano, surpreendentemente, as chuvas atrasaram em *Êrets Yisrael*, de maneira que somente esta colônia agrícola (e quem mais tivesse observado o preceito de *shenat shemitá*) beneficiou-se com as chuvas.

Muitas outras histórias são comuns a respeito, inclusive no que se trata da ocorrência de pragas nos campos. Eventualmente atingem todos os campos vizinhos mas não afetam os campos que descansaram no ano sabático.

#### A *mitsvá* de *shemitá* e o *Shabat*

Uma vez que este preceito não se refere aos campos fora da terra de Is-



rael, qual a lição que nos traz a *mitsvá* de *shemitá* e as idéias que recém trouxemos?

A correspondência é evidente: “Seis dias trabalharás e no sétimo descansarás”. Estas mesmas idéias de fé e confiança no Todo-Poderoso aplicam-se àqueles que observam o *Shabat*.

Felizmente, hoje observamos centenas de *baalê teshuvá* – pessoas distanciadas do judaísmo que decidem começar a observar o *Shabat*.

Recordo-me que no encerramento de um seminário de fim-de-semana no México, num domingo, ouvi as conclusões de um dos participantes, dono de joalherias, que decidiu não mais abrir seus negócios no *Shabat* a partir daquela data. Na sexta-feira seguinte, antes do primeiro *Shabat* que observaria, esta pessoa veio me relatar: “D’us me pagou adiantado. Meus negócios desta semana foram tantos que ultrapassaram o faturamento de uma semana completa, incluindo o sábado.”

Outro participante de um seminário, um engenheiro químico, decidiu que começaria a cumprir a *mitsvá* de *maasser* – o dízimo, doando 10% de seu salário para instituições de caridade. Relatou-me que, no dia seguinte à sua decisão, foi chamado por seu chefe para tratar de assunto referente a seu salário. Pensou então que a diretoria da empresa voltara atrás com relação a um aumento de salário cedido 15 dias antes, uma vez que as negociações pelo aumento tinham sido difíceis. Ao contrário do que imaginava, seu chefe comunicou-lhe que a diretoria reconheceu seu valor na empresa e a partir de então lhe concederia um incremento de 10% sobre o salário atual.

Infelizmente, por falta de conhecimento, muitas pessoas que decidem

cumprir o *Shabat* perdem a *mitsvá* por não conhecerem seus detalhes.

Não é raro, ainda hoje, escutarmos o seguinte argumento: “Em nossos tempos, tempos modernos, o que é mais trabalhoso: subir de escada nove andares ou apertar um botão do elevador? Qual o grande esforço que fazemos ao riscar um fósforo? Pode ser que há muitos anos atrás fosse trabalhoso fazer uma fogueira com duas madeiras ou com pedras, mas hoje...”

Quem se utiliza deste tipo de argumento demonstra falta de conhecimento tanto em *Torá* como em história da civilização.

Mesmo no Egito, antes da Outorga da *Torá*, para fazer fogo não se utilizavam pedras ou madeiras. Havia um pequeno aparato semelhante a um isqueiro – uma pequena bolsa de couro – onde se colocavam ervas raladas, uma pedra e um pedaço de metal. Os livros de história da civilização trazem estes dados.

Ou seja, há 3.300 anos, a dificuldade que se enfrentava para fazer fogo era a mesma que experimentamos hoje – mínima.

O que D’us recomendou na *Torá* é a abstenção de atividades que modificam a natureza. Atividades que demonstram nosso domínio sobre a natureza, e não se trata de esforços físicos.

Seguramente, subir nove andares de escada é mais cansativo do que apertar o botão do elevador, mas isso não vem ao caso.

Existe um conceito que este mundo foi criado com a letra *hê*. Para esta afirmação existem análises profundas, mas a explicação mais simples é a seguinte: Esta letra é a que menos esforço requer para ser pronunciada. Ou seja, D’us não fez nenhum esforço para criar este mundo. Apenas com

“palavras” este mundo foi criado. É absurdo imaginar que depois de tanto esforçar-se durante seis dias, o Todo-Poderoso passou o sábado dormindo! Durante seis dias o Criador esteve modificando a natureza e no sétimo dia suspendeu suas atividades – “*shavat*” – e dedicou-se a coisas relacionadas com o *nêfesh* – “*vayina-fash*” – coisas espirituais.

Em lembrança à Criação do Mundo é que observamos o *Shabat*. O que é proibido não é o que cansa, mas sim, atividades que modificam a natureza. Quando apertamos o botão do elevador, fecha-se um circuito eletrônico que desencadeia processos físico-químicos que alteram a natureza. Subir os andares de um edifício cansa, mas não é uma atividade que modifica de alguma forma a natureza.

O que é então modificar a natureza? D’us definiu isso como sendo 39 atividades – as 39 “*melachot*”. São estas as atividades proibidas no *Shabat*.

As leis referentes a estas proibições abrangem inúmeros detalhes e é por isso que a *Mishná* escreve que quem não estuda e não repassa constantemente tais leis, com certeza tropeçará e transgredirá algum detalhe inadvertidamente. Uma pessoa que não estuda a *Torá* com regularidade não consegue cumprir de forma satisfatória seus preceitos.

### O Trabalho toma muito tempo

É frequente também o seguinte argumento de muitas pessoas que justificam o pouco de tempo que dedicam ao estudo da *Torá* e às orações com *minyan*: “Meu trabalho, que proporciona meu sustento, impede-me dedicar mais tempo a estas atividades”. Pensam que por trabalharem mais tempo, comprometendo inclusive horários de estudos, terão maiores lucros.

Isto é ilógico! Não se entende que o Todo-Poderoso, “como castigo” por uma pessoa ter saído mais cedo do trabalho para ir rezar com *minyan* ou estudar, faça com que ganhe menos. D’us outorgará mais *berachá* para estes – “*vetsivíti et birchati*” – e ordenarei Minha bênção.

O que se espera é que as pessoas reforcem sua confiança em D’us e que estejam atentas para observar Sua mão. A mão de *Hashem* pode ser vista em todas as coisas, mas um dos pontos onde é facilmente constatada é nos assuntos relacionados à *par-nassá* – o sustento.

### Talento comercial

Há muitas pessoas que acreditam ter tino comercial e grande capacidade para os negócios. Dizem que utilizando-se da “astúcia” e “talento comercial” para argumentar – que na realidade não passam de mentiras – conseguem melhores negócios. “Este é o melhor tecido da praça”, “você não vai encontrar melhor preço” e outras “mentirinhas” e “jeitinhos”, como trocar etiquetas de roupas, por exemplo, são práticas repudiadas pela *Torá*. Todo dinheiro ganho com estes tipos de subterfúgios é um dinheiro que, *lô alênu*, não tem *berachá*.

“*Vetsivíti et birchati*” – e ordenarei Minha bênção. A quem D’us orde-

nará Sua abundância? A quem mente nos negócios? A quem deixa de estudar *Torá* para trabalhar mais? A quem, por trabalhar mais, deixa de rezar com *minyan*? A quem trabalha no *Shabat*? Definitivamente, não! Esta afirmação cabe àqueles que depositam sua confiança Nele.

Será que é difícil para o Todo-Poderoso fazer com que os vencimentos de quem procede com confiança compensem o tempo que deixa de trabalhar para cumprir *mitsvot* e estudar *Torá*?

Há um outro importante conceito sobre a *berachá* de D’us que esta passagem, referente ao ano sabático, transmite-nos:

Relata a *Torá*: “E se disserdes ‘O que comeremos no sétimo ano, visto que não havemos de semear nem recolher para casa o que a terra nos produzir?’ Eu mandarei a Minha bênção para vós, no sexto ano, e produzirá bastante produto para os três anos.”

Ou seja, se perguntarem “O que comeremos”, então D’us enviará o triplo. Mas e se não perguntarem? Dizem nossos sábios que se não perguntarem, a terra não dará o triplo do produto. Neste caso a *berachá* será diferente. Há vários tipos de *berachá*. Quem não fizer este tipo de pergunta, por encontrar-se em um

nível espiritual ainda mais elevado, receberá uma *berachá* maior. Apesar de receber aparentemente o mesmo produto da terra, este terá um potencial triplo, ou seja, suficiente para três anos. Esta pessoa não terá tanto trabalho – colher, armazenar e moer mais produto – quanto as outras e o benefício da colheita será o mesmo.

A *berachá* que cada pessoa recebe depende do nível espiritual em que se encontra. A *berachá* que receberam o vendedor de jóias e o engenheiro químico são evidentes, mas existe a *berachá* em um nível superior: quando as pessoas não se dão conta de que estão ganhando mais e mesmo assim o dinheiro rende mais: não são necessários gastos com médicos, com remédios, com consertos de carros, com máquinas quebradas, etc.

Se reforçarmos nossa confiança em *Hashem*, tratarmos de ver Sua “mão” em todos os momentos e cumprirmos as *mitsvot* com mais precisão, carinho, entusiasmo e alegria, estudando a *Torá* com regularidade, seguramente desfrutaremos do prazer de sentir a proximidade do Eterno, de perceber que Ele está conosco em todos os momentos e seremos merecedores da afirmação – “*vetsivíti et birchati*” – e ordenarei Minha bênção. ■

Portal judaico brasileiro

# NASCENTE

[www.revistanascente.com.br](http://www.revistanascente.com.br)

Aqui você encontra as últimas edições da sua revista Nascente e muito mais:

- Fotos e vídeos dos eventos da comunidade judaica
- Áudios e vídeos com ensinamentos do Rabino Isaac Dichi
- Aulas de Daf Hayomi com o Rabino Daniel Faour
- E muito mais!



# Por Trás das Máscaras

Rabino Elie Bahbout

**Refletindo** sobre acontecimentos relacionados com *Purim*, percebemos alguns fatos que necessitam maior análise:

**1)** O rei Achashverosh não pôde cancelar o decreto da exterminação dos judeus, e por isto determinou ser permitido aos judeus se prepararem para a guerra. Todos os eventos e milagres que ocorreram até a queda de Haman e a ascensão de Mordechai não foram suficientes para inibir o extremo perigo iminente. Ainda estava em vigor o decreto do rei de que em todos os países devia-se guerrear contra os judeus, até a exterminação completa, *chás vechalila*.

Somente graças a um novo milagre, o de que todos os povos foram tomados por um grande temor pelo povo judeu, os judeus venceram a guerra.

Este fato desperta curiosidade: por que D'us não fez, simplesmente, com que Achashverosh abolisse o decreto anterior? Isso com certeza não era impossível para o Todo-Poderoso!

**2)** Diz a *Meguilá* (8:17): “E em todo país e em toda cidade e cidade, lugar onde a palavra do rei e seu decreto (ou seja, o decreto que permitia aos judeus se defenderem) chegava, havia alegria e júbilo para os judeus, banquete e dia de festa”.

Por que os judeus ficaram tão felizes por poderem se defender a ponto de festejarem? Pelas leis da natureza, mesmo com essa permissão, não seria possível que conseguissem se salvar! Exemplificando a questão: se os Estados Unidos decretassem o extermínio absoluto de um pequeno povo, inteiramente civil e espalhado pelo território americano, mas determinassem que a autodefesa seria permitida pela lei, será que este povo se sentiria aliviado e organizaria refeições festivas?

**3)** O Todo-Poderoso provocou uma sucessão de acontecimentos e “coincidências” para que Haman levasse Mordechai honradamente desfilar no cavalo real. Qual foi a necessidade deste evento? Certamente Mordechai preferiria abster-se deste episódio, pois os justos procuram fugir das honrarias!

Dizem nossos sábios no tratado de *Chulin* (139b) que a *Torá* faz alusão oculta a “Ester” no versículo em *Devarim* (31:18): “E Eu (D'us) esconderei (*“haster astir”*) Minha face naquele dia.” Depois da destruição do Primeiro Templo (época do episódio de *Purim*) o Criador começou a ocultar mais Sua influência sobre o Mundo. Esta conduta foi resultado dos pecados do Povo de Israel. Pecados causam uma incompatibili-

dade espiritual do povo com a Revelação clara da Providência Divina neste mundo. Este ocultamento significa que, embora D'us controle o mundo, o ser humano não é capaz de perceber claramente Seu controle. Aos olhos das pessoas, parece que o mundo tem uma existência autônoma.

No entanto, mesmo nas épocas de “*hester panim*” (ocultamento da face), D'us “conversa” com o Povo Judeu de forma oculta, indireta. Quando o rei Achashverosh resolveu dar a Haman seu anel, para que Haman pudesse decretar o que bem entendesse em nome do rei, isto demonstrou para o Povo de Israel que D'us estava insatisfeito com sua conduta. Como disse Shelomô *Hamêlech* (Mishlê 21:1): “O coração do rei está na mão de D'us”. Ou seja, D'us usa os reis como “marionetes” conforme Seu desejo, e revela mensagens para o povo por meio das atitudes deles. Por exemplo, quando a assimilação de judeus chegou ao auge na história judaica de então, na Europa pré-guerra mundial, Hitler decretou (15 de setembro de 1935, em Nuremberg) que seria proibido aos judeus casarem-se com não judias.

D'us “conversa” com Seu povo por meio das cordas vocais dos inimigos de Israel. Por isto, explica o *Zôhar* que, em todo lugar que a Meguilá quer fazer referência a D'us, faz por intermédio da palavra “Rei”, pois é por meio do rei Achashverosh que pode-se reconhecer os caminhos do Rei dos reis. Este é também o motivo do costume de fantasiar-se em *Purim*, pois D'us Se ocultou por trás de “máscaras”.

Devemos notar que as atitudes de D'us não são ocultas totalmente – esse é o motivo das “máscaras” em vez de “escuridão”. Ou seja, é possível perceber a Sua atuação, só não fica claro Quem se oculta por trás das ações sistêmicas que conseguimos perceber.

Na época de Haman, o Povo de Israel, por meio da ajuda de Mordechay e Ester, entendeu corretamente a “mensagem” oculta por trás da decisão de Achashverosh. Eles não consideraram as más notícias como um “acaso”, mas sim como a mão Divina. Imediatamente reuniram-se para rezar e jejuar durante três dias, juntamente com um sincero esforço de *teshuvá* (arrepentimento e retorno ao caminho correto). Fizeram isso ao ponto de receberem sobre si o jugo da *Torá* com um sincero amor a D'us (tratado de *Shabat* 88a).

D'us aceitou o arrependimento dos judeus. Assim, procurou transmitir esta mensagem a eles fazendo com que Haman puxasse Mordechay no cavalo real. Enquanto Haman levava Mordechay pelas ruas da cidade, ele anunciava a todos que “este é o homem que o ‘Rei’ (ou seja, o Rei dos reis) aprecia”. A honra para Mordechay e o desprezo para Haman não foi um fato histórico casual, mas sim a vontade do Criador, anunciando que começaria a queda dos inimigos e a ascensão dos judeus. O rei Achashverosh também deu o seu anel para Mordechay. Isto demonstrou que o controle passava para a mão dos judeus.

Entendemos, assim, por que o Todo-Poderoso fez com que Achashverosh não pudesse cancelar o decreto de exterminação, mas tão somente permitisse a autodefesa dos judeus. Tendo em vista que os judeus tinham entendido as “mensagens Divinas ocultas” (não consideraram os eventos como um acaso e fizeram *teshuvá*), eles agora eram merecedores de que D'us se conduzisse de uma forma mais revelada, retirando um pouco as “máscaras”. Ou seja, os judeus se aproximaram do nível espiritual perdido por seus antepassados, para os quais D'us afirmara (Shemot 14:14):

“D'us guerreará por vocês – e vocês permaneçam em silêncio (sossegados)”.

Apesar de que, até então, os milagres de *Purim* tinham sido ocultos pela máscara de eventos aparentemente ocasionais, os judeus alcançaram o mérito de a vitória final acontecer acima das leis da natureza. A vitória não foi um simples cancelamento do decreto por meio de uma pressão política de Mordechay ou da rainha. Isto seria mais um milagre oculto. Em vez disto, todos os povos e exércitos do rei Achashverosh foram tomados por um enorme temor do pequeno Povo Judeu, de forma a não serem capazes de cumprir as ordens reais (a exterminação, ainda em vigor). Além disso, os inimigos caíram nas mãos de um povo sem treinamento militar ou armas.

Podemos entender, também, por que os judeus festejaram a notícia de poderem se preparar para a guerra. Eles compreenderam bem o significado da mensagem oculta: D'us aceitara sua *teshuvá*, e trataria de salvá-los de forma claramente milagrosa.

Pouco tempo depois do episódio de *Purim*, o *Bêt Hamicdash* foi reconstruído. O Povo de Israel voltara, relativamente, ao nível de enxergar a influência Divina de forma clara, como nos milagres diários que ocorriam anteriormente no *Bêt Hamicdash*. Eles souberam perceber corretamente Quem se oculta por trás das máscaras. Então, tornaram-se merecedores de uma nova aproximação com D'us de forma mais revelada.

Que seja a vontade do Criador que possamos, nós também, perceber e entender os passos Divinos ocultos nos “acazos” de nossas vidas, e assim nos tornarmos merecedores de uma conduta Sua mais revelada, *amen sela*. ■

# Crianças na Sinagoga

Crianças de quatro ou cinco anos não sabem o que acontece na sinagoga, não sabem ler no sidur e, logicamente, não rezam. Assim, quando são levadas para a sinagoga, é natural que fiquem conversando, brincando e atrapalhando as orações dos adultos.

Rabino I. Dichi

O principal problema de levar crianças pequenas à sinagoga não é o fato de atrapalharem as orações, mas a sua própria educação com respeito à santidade do local. As crianças devem ser conscientizadas, desde o primeiro momento que pisam na sinagoga, que lá é um lugar especial. Deve-se possuir o temor e o respeito devido ao local. Se a criança é muito pequena e não se pode ainda exigir dela um comportamento adequado na sinagoga, simplesmente não se deve levá-la para lá.

Quanto mais se demora em levar a criança para a sinagoga, melhor ela entenderá o que acontece lá e a importância do local. Sua educação em relação à santidade do recinto será melhor e o respeito que desenvolverá dentro de si para com a sinagoga será mais correto. Se a criança começa a ir à sinagoga desde muito cedo, o local passa a ser encarado como um salão de recreações, tornando-se muito difícil mudar seus hábitos e seus sentimentos.

O mesmo raciocínio deve ser considerado em relação ao ensinamento das *tefilot*. Não se deve forçar esse ensinamento prematuramente. Ensina-se às crianças pequenas apenas o *Bircot Hasháchar* e o *Keriat Shemá*.

A obrigação de rezas prolongadas as sobrecarrega e elas procuram se esquivar da *tefilá* em todas as oportunidades.

Com seis ou sete anos elas aprendem uma parte da *tefilá*. Com essa idade, já se pode exigir delas um controle moderado. Em determinados momentos da *tefilá*, um menino com esta idade também já consegue acompanhar o público. Ainda assim, quando a criança fica entediada, não adianta insistir para permanecer rezando. Nessa situação, deve-se deixá-la sair ou pedir que alguém a leve para casa. Mas não se pode permitir que fique entrando e saindo da sinagoga, circulando, brincando e gritando. Antes dessa fase, não há motivos para se levar as crianças à sinagoga.

Os pais anseiam ver seus filhos na sinagoga rezando, mas devem ter paciência e aguardar o momento adequado para isso.

Constantemente observamos nas sinagogas cenas que não deveriam acontecer: crianças rodando em volta da *bimá*, ao lado do *aron hacôdesh*... Em *Rosh Hashaná* até chegam a rir do *tokea* se ele não consegue tocar bem o *shofar*!... Deixar as crianças circularem desta maneira é falta de responsabilidade dos pais. Isso destrói

a educação relacionada com a seriedade, o respeito e o temor que a sinagoga merece. E quem sabe se será possível consertar esse dano algum dia?

Há outro motivo frequente que faz os pais levarem seus filhos pequenos à sinagoga. Muitas vezes a mãe precisa de descanso e, para agradar a esposa, o marido leva as crianças para a sinagoga. Como no *Shabat* as escolas estão fechadas, o *bêt hakenêset* vira um jardim de infância. Com essa conduta, certamente se estraga a criança.

Sem dúvidas, é necessário deixar a mãe descansar, mas a solução não é essa. Precisa-se encontrar uma outra solução satisfatória. No *Shabat*, por exemplo, quando as crianças não vão para a escola, não é necessário que a mãe acorde cedo, como o marido que vai para a sinagoga. Talvez uma alternativa seja contratar alguém para ficar com as crianças, ou deve-se procurar outras opções. Mas a solução não é a sinagoga.

Se, apesar de tudo, o pai levar seu filho pequeno para a sinagoga, precisa tomar cuidado para não acontecerem as situações, e os danos, citados. O pai deve cuidar para que a criança esteja ao seu lado o tempo todo. Isso se aplica a algumas crianças maiores também, quando ainda não sabem se compor-

tar na sinagoga.

Há um outro fator importante neste contexto. A escolha da sinagoga à qual levamos nossos filhos exige uma atenção especial. É extremamente negativo levar uma criança a um *bêt hakenêsset* no qual se conversa durante as rezas. A oração deve ser realizada com seriedade, e a seriedade observada na sinagoga é o que a criança vai absorver.

Não significa que se deva rezar com as crianças em uma *yeshivá*. Há lugares, em Israel por exemplo, com muitas *yeshivot*, e é comum que as pessoas prefiram rezar nestes ambientes. Assim, o pai pode querer ter o privilégio de rezar numa *yeshivá*. Mas a *tefilá* na *yeshivá* em geral é muito mais comprida. Numa *yeshivá*, a oração de *Shemoná Esré* pode durar quinze minutos... isso também não é apropriado para as crianças. Para elas, é impossível rezar num lugar onde o tempo das orações é “interminável”, tendo que permanecer quietas todo o tempo.

É importante encontrar uma sinagoga que preencha, dentro do possível, as condições necessárias: um lugar onde não se conversa durante a *tefilá* e *keriat Hatorá*, que tenha uma *tefilá* organizada, com bons *chazanim*, etc.

Ir ao *bêt hakenêsset* deve ser uma recompensa, um prêmio para a criança, não uma obrigação. Quando a criança se comporta de forma adequada, aí se consente em levá-la para a sinagoga. Quando os pais agem assim, o conceito da sinagoga se mantém elevado. A sinagoga não se transforma em um lugar de recreação.

Não é correto forçar uma criança pequena a ir à sinagoga, mesmo que ela ainda não saiba expressar bem sua recusa. Para ela, tudo é muito demorado e sem interesse. Obrigá-la a isso não surtirá um bom resultado. É

necessário ser paciente; chegará um tempo que ela gostará de ir à sinagoga.

Na *tefilá*, a pessoa deve colocar seus sentimentos, sua alma. Quando se acostuma uma criança pequena a rezar apenas como algo superficial, externo, ou quando até mesmo se bate na criança se ela não rezar, ela passa a sentir que a *tefilá* é algo pesado, chato. Depois, quando for um adolescente, não terá uma relação amigável, interna, sentimental com a *tefilá*. Então a culpa recairá sobre os pais, que a obrigaram a rezar em uma idade precoce.

### A escolha do talmud Torá

Quando se escolhe uma escola para os filhos, deve-se procurar um lugar que não enfatize somente a transmissão de conhecimentos, da matéria. Deve-se escolher uma escola que leve em consideração, principalmente, a parte educacional.

Em muitos lugares, toda a ênfase é sobre o conhecimento. Sobrecarrega-se as crianças com conhecimentos, mas a educação, o comportamento, não são levados em consideração. São locais que não dão a devida atenção sobre a forma de conduta das crianças: se comem direito, se brincam de uma forma ordenada, seus modos, seu relacionamento com os colegas, etc. Esses estabelecimentos devem ser evitados.

As crianças precisam brincar no recreio e existe a possibilidade de educá-las através da própria recreação. Por exemplo, o costume de não pegar tudo para si, mas levar em consideração que os outros também precisam brincar. Esse bom hábito pode ser ensinado também através da recreação. A educação de que nem sempre se vence e de que nem sempre se recebe o que se deseja pode ser ensinada através das brincadeiras. Isso quando se sabe orientar da forma correta. Ao escolher a escola para as crianças,

precisa-se optar por uma que coloque ênfase na parte educacional e comportamental.

### Yeshivá ketaná

Chega uma idade que os pais precisam optar por uma *yeshivá ketaná*, normalmente dos 13 aos 17 anos. Depois disso o jovem passa para a *yeshivá guedolá*.

Os pais não devem se precipitar em enviar seus filhos para a *yeshivá ketaná*. O ritmo da *yeshivá ketaná* (em Israel) é muito puxado para uma criança de doze anos. Essa criança ainda não está madura e enfrenta dificuldades para acompanhar os estudos.

Hoje em dia, é comum realizar concursos de conhecimentos para os jovens. Os vencedores, com as melhores notas, recebem títulos como “*chatan hamishná*”, “*chatan hahalachá*”, etc. Como devemos encarar essas competições?

Esses concursos normalmente incentivam as crianças para que estudem. Entretanto, quando se acompanha o desenvolvimento das crianças que venceram os concursos com o passar do tempo, não se constata, na prática, um resultado tão admirável. Elas não continuam os estudos com a mesma assiduidade com a qual se prepararam para o concurso. As honras que recebem com os títulos fazem com que saiam um pouco do sério, imaginando já conhecerem toda a *Torá*. Depois de ganhar o título, elas não sentem mais tanta necessidade de se esforçar.

Não é necessário abolir esses concursos, mas é importante conhecer também o outro lado da moeda; que o *cavod*, as honras, podem subir à cabeça dos vencedores.

**Rabino Isaac Dichi, baseado em  
“Zeríá Uvinyan Bachinuch” do  
Rabino Shelomô Wolbê Shelita z”l**



# Judeus na República Dominicana

No Novo Mundo, Cristóvão Colombo esperava encontrar as dez tribos perdidas.

**Milhões** de turistas visitam a República Dominicana – a segunda maior nação do Caribe – a cada ano.

Quando Cristóvão Colombo descobriu essa ilha que fica entre Cuba, Jamaica e Porto Rico, no coração do arquipélago do Caribe, ele não foi o primeiro europeu a andar pelas praias do Novo Mundo – foi Luis Torres, o intérprete judeu que acompanhava a expedição.

Torres falava hebraico e fora escolhido porque Colombo esperava encontrar o povo

das tribos perdidas de Israel. Obviamente, não foi este o caso. Os nativos que encontraram eram índios arawak da tribo Taino, que não conheciam o hebraico.

Liberado de seu papel de tradutor, Torres visitou a ilha e observou os tainos fumando folhas enroladas na forma de cigarros – o tabaco ainda era desconhecido na Europa. Depois, ele se estabeleceu em Cuba, onde se tornou administrador independente do território espanhol e obteve a concessão do tabaco enviado do Caribe para a Espanha.

Quando Colombo deixou a ilha, seu irmão, Bartolomeu, foi indicado governador geral da Ilha Hispaniola, que depois foi dividida em dois países: Haiti, a leste, e República Dominicana, a oeste.

### **Santo Domingo: na rota dos judeus**

Os 12 bairros da área colonial da capital Santo Domingo chamavam-se originalmente Nova Isabel. Fundada por Bartolomeu Colombo em 1496, Nova Isabel é a mais antiga cidade do Novo Mundo. Quase todos os exploradores, de Balboa até Ponce de Leon, passaram sobre essa charmosa cidade colonial.

Conforme a Inquisição se espalhava pelo Novo Mundo, os judeus continuavam a se estabelecer na ilha, longe do olhar atento do rei e da Igreja. Os cemitérios em Santo Domingo e nas cidades e aldeias do país possuem túmulos antigos adornados com a estrela de David, ou sem qualquer símbolo cristão. Os nomes originais dos judeus locais eram Cohen, Levi, Attias, Marchnea e Henríquez .

Em 1916, Francisco Henríquez Y Carvajal, provavelmente descendente de uma das famílias cripto-judaicas mais famosas da região, assumiu a presidência da República Dominicana. Seu filho, Max, foi nomeado embaixador do país na ONU quando Israel foi admitido na Organização das Nações Unidas, em 1949.

De acordo com o *site* do Congresso Judaico Mundial, a vida da comunidade local é organizada pela Paróquia Israelita de la República Dominicana, o centro comunitário judaico do país. Há duas sinagogas para os 300 judeus da ilha – uma em Santo Domingo e outra em Sosúa. No total, a ilha possui uma po-

pulação de mais de 8 milhões de habitantes.

Em Santo Domingo há também uma escola dominical, que atende de 15 a 20 crianças, um grupo ativo de mulheres do Conselho Judaico Internacional e uma revista bimestral.

É interessante conhecer a sinagoga de Santo Domingo, não apenas por sua charmosa e confortável arquitetura caribenha, mas também por sua notável história. O edifício foi parcialmente subsidiado pelo brutal ditador general Rafael Trujillo, que dirigiu o país com mão de ferro de 1930 a 1961.

### **Sosúa, nascida da dor, representa o triunfo da vida**

Em 1938, o presidente Franklin D. Roosevelt organizou a Conferência de Evian, na qual representantes de 32 países se reuniram na França para discutir caminhos para salvar as comunidades judaicas condenadas pelo nazismo na Europa. Cada um dos países expressou sua simpatia pelos judeus, mas fechou as portas para eles.

A República Dominicana ofereceu 100.000 vistos para judeus europeus. Trujillo disponibilizou 22.230 acres de terras ao American Jewish Joint Distribution Committee (JDC) para os imigrantes. Um ato, aprovado por unanimidade no Parlamento Dominicano, garantiu aos judeus refugiados de Hitler a liberdade de religião, isenção de impostos e taxas alfandegárias.

Em 10 de maio de 1940, cerca de 450 anos depois que Colombo aportou naquelas praias, o primeiro navio de refugiados judeus chegava à República Dominicana. Em 1940 havia 40 judeus na ilha. Mas, no final da Segunda Guerra Mundial, mais de 700 judeus haviam passado

pelo país. Eles criaram o primeiro *moshav local* – baseado no modelo israelenses de cooperativa – em uma plantação de bananeiras entre a selva e o Oceano Atlântico, na parte nordeste da ilha. A cidade recebeu o nome de Sosúa.

A terra era pobre e o clima sufocante. Havia um temor real do Comitê do Joint de que aqueles intelectuais urbanos refugiados falhassem em seu empreendimento agrícola. Assim, a organização recomendou que apenas 600 jovens independentes fossem para a ilha.

Com a ajuda do JDC, os recém-chegados aprenderam agricultura. Cada um recebeu 80 acres de terra, 10 vacas, uma mula e um cavalo, pelo preço de 10 dólares por mês. Os fazendeiros judeus construíram lojas, sistema de esgotos e uma clínica. A coletividade também estabeleceu uma escola e um jornal diário chamado “Produtos Sosúa”, editado ainda hoje.

Muitos dos pioneiros originais deixaram o país após o término da Segunda Guerra, mas algumas famílias permaneceram, dedicando-se a preservar a velha sinagoga de madeira de Sosúa – uma pequena jóia histórica, onde são realizados serviços religiosos todo o quarto sábado de cada mês.

Hoje, Sosúa é um tranquilo resort de exótica beleza. Cerca de 25 famílias judias permanecem ali. Seus negócios são responsáveis pela maior parte da manteiga e queijo consumidos na República Dominicana. Próximo à sinagoga da cidade há um museu. A mensagem final da exposição diz: “Sosúa, uma comunidade nascida da dor e nutrida com amor, deve em última análise representar o triunfo da vida.”

**da revista Herança Judaica**



# Sacudir a Terra

Certo dia, um fazendeiro montado em seu burro caiu num poço. O homem ficou de pé no lombo do animal e, com o auxílio da corda, conseguiu salvar-se.

O animal chorou copiosamente durante horas, enquanto o fazendeiro tentava encontrar alguma solução para o problema.

Finalmente, ele decidiu que o animal era muito velho e que o poço precisava ser coberto de qualquer maneira. Não valeria a pena salvar o burro.

Ele chamou seus vizinhos para ajudá-lo a solucionar o problema. Eles pegaram algumas pás e começaram a jogar terra dentro do poço.

O burro logo entendeu o que estava acontecendo e passou a chorar ainda mais terrivelmente. Depois de algum tempo, para a surpresa de todos, ele se calou.

Após jogar bastante terra no poço, o fazendeiro finalmente olhou para dentro do poço. Ele ficou impressionado com o que constatou: o burro não estava sendo enterrado. Em vez disso, estava quase saindo do poço.

Com cada porção de terra que os vizinhos jogavam em suas costas, o burro fazia algo incrível. Ele sacudia a terra e formava um degrau para subir dentro do poço.

Pouco tempo depois todos ficaram impressionados quando o burro surgiu no topo do poço e conseguiu sair feliz da vida!

\* \* \*

A vida jogará terra em você, de todos os tipos.

O truque para conseguir escapar do poço é sacudir a terra e dar um passo para cima. Cada um dos nossos problemas é um degrau. Nós podemos sair dos poços mais profundos apenas não parando, nunca desistindo!

Sacuda a terra e sempre dê um passo para cima.

Lembre-se de cinco regras simples para subir sempre e ser feliz:

1. Liberte seu coração do ódio – perdoe.
2. Liberte sua mente das preocupações – a maioria delas nunca acontece.
3. Viva de uma maneira simples – aprecie e valorize o que você tem.
4. Dê mais.
5. Espere menos.



# Um Desafio

## 1 A história de Purim aconteceu:

- a) Na época do Primeiro Templo Sagrado.
- b) Durante os 70 anos de exílio do povo judeu, antes da construção do Segundo Templo.
- c) Na época do Segundo Templo.
- d) Após a destruição do Segundo Templo.

## 2 Quem derrotou o Império Babilônico?

- a) Achashverosh, rei medo-persa.
- b) Dario, rei da Média.
- c) Ciro, rei da Pérsia.
- d) Dario e Ciro juntos.

## 3 Segundo a Meguilat Ester, o reino de Achashverosh continha:

- a) 27 províncias.
- b) 57 províncias.
- c) 97 províncias.
- d) 127 províncias.

## 4 Conforme a Meguilat Ester, o nome do avô de Mordechay era:

- a) Shim'i.
- b) Yair.
- c) Meir.
- d) Shim'on.

## 5 Eram sarissim (guardas) do Rei Achashverosh:

- a) Bizetá, Charvoná, Zetar e Avagtá.
- b) Zetar, Haman, Mordechay e Vayzata.
- c) Avagtá, Haman, Porata e Aspata.
- d) Mehuman, Bizetá, Arissay e Dalfon.

## 6 Os dois guardas do rei Achashverosh que planejaram matá-lo:

- a) Haman e Hamedata.
- b) Parás e Maday.
- c) Bigtan e Têresh.
- d) Achuz e Argaman.

## 7 O dia no qual Ester foi convidar o rei para um banquete:

- a) Era o primeiro dia de Pêssach.
- b) Era o primeiro dia de Shavuot.
- c) Era o primeiro dia de Sucot.
- d) Era o primeiro dia de Rosh Hashaná.

## 8 Quando o rei viu Ester no átrio do palácio real:

- a) Ele acenou para que ela entrasse.
- b) Ele estendeu para ela o cetro de ouro.
- c) Ele mandou ela se retirar.
- d) Ele mandou prendê-la.

# À Sua Sabedoria

**9** Quem disse ao rei Achashverosh que Haman queria enforcar Mordechay?

- a) Ester.
- b) Chatach.
- c) Mordechay.
- d) Charvoná.

**10** Após a morte de Haman:

- a) Achashverosh deu a casa de Haman para Mordechay.
- b) Achashverosh deu sua casa para Mordechay.
- c) Achashverosh deu seu cetro de ouro para Mordechay.
- d) Nenhuma das anteriores.

**11** Após a morte de Haman:

- a) Ester assumiu o cargo de primeiro-ministro do rei.
- b) Mordechay assumiu o cargo de conselheiro do rei.
- c) Mordechay assumiu o cargo de primeiro-ministro do rei.
- d) Mordechay assumiu o cargo de escrívão do rei.

**12** Na Meguilat Ester, os termos “orá, vessimchá, vessasson, vicar – luz, alegria, júbilo e honra” referem-se a:

- a) Velas de Shabat, Kidush, Hallel e tefilin.
- b) Chanukiyá, Hallel, casamento e Shabat.
- c) Meguilat Ester, Seudat Purim, mishloach manot e matanot laevyonim.
- d) Torá, festival, circuncisão e tefilin.

# Purim

A comemoração de Purim representa uma espécie de síntese de todas as demais festividades judaicas.

Vita Gomel z"l

**Em Purim** reencontramos todos os signos característicos das outras festas: a libertação da escravidão, análoga à de *Pêssach*; a unidade do povo, como em *Sucot*; o julgamento de vida ou de morte em consequência do decreto de Haman, como em *Rosh Hashaná*; o jejum e o arrependimento, como nos *yamim noraim* e em *Yom Kipur*; a aceitação da *Torá* com amor, análoga a *Shavuot*.

A importância de *Purim* como síntese das outras festas transparece no “*mispar catan*”, o número pequeno da palavra *Purim* – que expressa a quintessência das palavras.

*Purim* é comemorada em 14 de *adar* nas cidades abertas e em 15 de *adar* nas cidades que estavam cercadas de muralhas no tempo de Yehoshua. Se somamos a estes 2 dias de *Purim*, 7 dias de *Pêssach*, 1 dia de *Shavuot*, 2 dias de *Rosh Hashaná*, 1 dia de *Yom Kipur*, 7 dias de *Sucot* e 1 dia de *Shemini Atsêret*, encontraremos um total de 21, como o número pequeno de *Purim* (פורים).

$$2 + 7 + 1 + 2 + 1 + 7 + 1 = \underline{21}$$

$$פ (8) + ו (6) + ר (2) + י (1) + מ (4) = \underline{21}$$

A grande santidade de *Purim* se revela pela obrigação de comer e beber em santidade. Esta idéia transparece no *mazal* do mês de *adar*: peixes (*daguim* – דגים). O valor numérico de *daguim* (דגים) é o mesmo da palavra “*ôchel*” (אוכל – alimentar) e também da palavra “*zan*” (זן – alimentar).

$$ד (4) + ג (3) + י (10) + מ (40) = \underline{57}$$

$$א (1) + ו (6) + כ (20) + ל (30) = \underline{57}$$

$$ז (7) + ז (50) = \underline{57}$$

A obrigação de comer e de beber com santidade é um desafio espiritual ainda maior que em *Yom Kipur*, quando a espiritualidade é alcançada pela proibição de qualquer prazer material. É isso que incitou os nossos sábios a afirmarem que “*Kipur*” é “*Ke-Purim*” – como *Purim*, comparável a *Purim*. Servindo de ponto de referência, *Purim* é, portanto, ainda mais elevado.

Pela aceitação com amor dos 613 preceitos da *Torá* em *Purim*, os judeus elevam-se a um nível superior àquele que se pode alcançar em *Yom Kipur*, por uma aceitação dos mandamentos Divinos devido ao temor.

O nome de *Purim* (פורים) vem da palavra *pur* (פור – sorte, destino), que faz alusão ao fato de Haman, o Perverso, ter sorteado a data em que desejava ver seu decreto de extermínio realizado. O valor cheio da palavra *pur* (פור – sorte) é:

$$\text{Pê} = פ (80) + ם (10) = 90$$

$$\text{Vav} = ו (6) + א (1) + ו (6) = 13$$

$$\text{Resh} = ר (200) + ם (10) + ש (300) = 510$$

$$\text{Total: } 90 + 13 + 510 = \underline{613}$$

Devido a aceitação com amor dos seiscentos e treze mandamentos da *Torá*, houve a inversão do “*pur*” – do destino. Os judeus foram salvos, enquanto Haman e seus filhos foram enforcados.

Há um outro raciocínio que demonstra o motivo da inversão do decreto celestial em *Purim*.

A palavra *pur* (פור) é composta da palavra *par* (פר) com uma letra *vav* (ו) no meio. *Par* (פר – touro) é o símbolo da força do julgamento celestial em toda sua plenitude, pois equivale a dez vezes *côach* (כה – força), e dez é o número que representa a plenitude.

$$פ (80) + ר (200) = \underline{280}$$

$$כ (20) + ח (8) \times 10 = \underline{280}$$

Haman quis que fosse emitido “*par*”, o rigoroso julgamento celestial sobre Israel. Mas este, pela aceitação da *Torá* e, em particular, da *Torá* Oral, registrada nos 6 tomos do *Talmud*, conseguiu inverter a situação. A letra *vav*, que vale 6, representa os 6 tomos do *Talmud*. O povo de Israel, com a aceitação da *Torá*, conseguiu introduzir um *vav* (ו) no *par* (פר), transformando-o em *pur* (פור) – uma sorte favorável.

Seguindo esse mesmo raciocínio, a letra *vav*, que alterou o destino de todo

o povo, tem valor cheio igual a 13. Treze é o valor de *echad* (אחד – um).

$$ו (6) + א (1) + ו (6) = \underline{13}$$

$$א (1) + ח (8) + ר (4) = \underline{13}$$

A união de todos os membros do povo judeu em torno da *Torá*, coordenada por Mordechay, salvou o povo de Israel.

O próprio conceito de realeza é um fator de unidade. Tanto que a palavra *mêlech* (מלך – rei) é o anagrama de *culam* (כלם – todos).

Seguindo essa idéia, a Rainha Ester conseguiu estreitar os laços fraternais no seio do povo. Isso transparece no número pequeno da palavra Ester (אסתר), que também é igual ao valor da palavra *echad* (אחד – um) e, ainda, da palavra *ahavá* (אהבה – amor).

$$א (1) + ס (6) + ת (4) + ר (2) = \underline{13}$$

$$א (1) + ח (8) + ר (4) = \underline{13}$$

$$א (1) + ה (5) + ב (2) + ה (5) = \underline{13}$$

Como já citamos, a união do povo judeu foi coordenada por Mordechay (מרדכי). De fato, seu número pequeno, assim como o de Ester, é igual a 13.

$$מ (4) + ר (2) + ד (4) + כ (2) + ם (1) = \underline{13}$$

Assim, a soma dos pequenos números de Mordechay e Ester é  $13 + 13 = 26$ , como o valor numérico do tetragrama Divino. O comportamento de ambos levou à manifestação da misericórdia Divina, que é ligada ao tetragrama e que não aparece explicitamente na Meguilat Ester.

$$מ (4) + ר (2) + ד (4) + כ (2) + ם (1) = \underline{13}$$

$$א (1) + ס (6) + ת (4) + ר (2) = \underline{13}$$

$$ו (10) + ק (5) + ו (6) + ק (5) = \underline{26}$$

A unidade do povo de Israel como

chave da salvação dos judeus em *Purim* é sublinhada pelas obrigações da festa de *Purim*, tais como as doações aos pobres, a remessa de iguarias aos companheiros e a refeição festiva, que são destinadas a reforçar os laços de paz e fraternidade no seio do povo.

No mês de *adar* a Providência Divina se manifestou sobre Israel, como se deduz da própria palavra *adar* (אדר) que se decompõe em א (1) דר (*dar* – morou), ou seja: “o Único morou” no seio do povo.

Essa manifestação da Presença Divina foi possível devido à piedade dos judeus, idéia que transparece no valor numérico da palavra *dar* (דר – morou), igual ao da palavra *tsadic* (צדיק – justo).

$$ד (4) + ר (200) = \underline{204}$$

$$צ (90) + ד (4) + ם (10) + ק (100) = \underline{204}$$

Até hoje o mês de *adar* (אדר) é um mês *adir* (אדיר – forte, poderoso), um tempo forte, propício para Israel. Essa idéia é sublinhada pelo valor numérico de *adar* (אדר), igual ao de *gavar* (גבר – ser forte).

$$א (1) + ד (4) + ר (200) = \underline{205}$$

$$ג (3) + ב (2) + ר (200) = \underline{205}$$

Mas não podemos esquecer, em todas as gerações, que a *guevurá* (גבורה – força, bravura) de Israel está baseada sobre a *yir'á* (יראה – temor), o temor a D'us.

$$ג (3) + ב (2) + ו (6) + ר (200) + ה (5) = \underline{216}$$

$$ו (10) + ר (200) + א (1) + ה (5) = \underline{216}$$

Baseado no livro “La Guematria”, dos rabinos Matityahu Glazerson e Shelomô Choukroun



# Quem Não Come Inseto?

Mas como... comer insetos?! Que história é essa?!

**Você** come qualquer biscoito, sorvete? Toma iogurte, leite sabor morango? Então já comeu inseto!

O que uma coisa tem a ver com a outra?

Biscoitos e sorvetes costumam conter corantes. Esses corantes aparecem nos rótulos das embalagens com nomes como: “Vermelho 4”, “Vermelho 3”, “Carmim”, “Cochineal”, “Corante Natural Carmim de Cochonilha”, “Corante C.I.”, “corante ou colorizante E120”. Pois saiba que todos esses são sinônimos de Corante de Cochonilha!

E o que é esse Corante de Cochonilha?

O Corante de Cochonilha é um material vermelho vivo, feito dos corpos secos e esmagados de um inseto originário do México, a cochonilha ou *Dactylopius coccus*.

Veja no Dicionário Aurélio: “Cochonilha - Inseto homóptero, da família dos coccídeos, que segrega substâncias especiais (cera, laca) que servem de revestimento. Os machos adultos têm duas asas; as fêmeas são sempre ápteras. São pequeníssimas, alimentam-se de seiva de plantas e vivem nas folhas, galhos, troncos e raízes.”

A cochonilha é uma praga que dá em plantas e tem preferência pelo cacto *Opuntia coccinellifera* (figo-da-índia). Ela forma uma espécie de farinha nas folhas contaminadas. São besouros diminutos (2 a 5 milímetros de comprimento) que formam colônias nas folhas (parecendo farinha), raízes e frutos das plantas, sugando a seiva, inoculando toxinas e provocando manchas, definhamento e morte da planta.



**A cochonilha é a base do corante carmim...**



**... que é utilizado em diversos produtos industrializados.**

“Ah! Isso é lá no México!”, você diria.

A cochonilha hoje é criada em todo o mundo, inclusive no Brasil, para a produção de corantes. Bilhões desses insetos são criados e esmagados para produzir corantes vermelhos para serem colocados em sobremesas, bebidas, roupas, chás... Aproximadamente setenta mil insetos são esmagados e fervidos para produzir meio quilo de corante.

Ao mesmo tempo, as cochonilhas são combatidas nas plantações comerciais, pois são pragas, especialmente das frutas cítricas.

O Grupo de Apoio às Crianças Hi-

perativas (Hyperactive Children’s Support Group) recomenda eliminar os produtos que contêm esse corante da dieta das crianças que sofrem de hiperatividade.

O uso de cochonilha vem desde o descobrimento das Américas, quando já era usada pelos Astecas. Recentemente seu uso aumentou, após a constatação de que os corantes artificiais mais baratos causavam câncer. O Corante de Cochonilha é considerado como um “corante natural”.

Segundo as leis judaicas de *cashrut*, o consumo destes e de outros insetos é expressamente proi-

bido. Assim, nenhum produto *cashrut* contém corantes, edulcorantes, emulsificantes, flavorizantes, conservantes, aromatizantes ou qualquer outro ingrediente derivado de insetos, larvas ou de origem animal.

As maiores e mais famosas marcas de sorvetes, biscoitos e laticínios utilizam este corante fabricado com os corpos de insetos esmagados. Mas é certo que empresa nenhuma vai declarar explicitamente o que coloca nos seus produtos, se houver a menor possibilidade de que isso faça você se sentir enjoado. Colorizante E120 soa menos agressivo do que “cochonilhas esmagadas”. ■

# Leis Relacionadas com o Arroz e com o Vinho Durante a Refeição

Rabino I. Dichi

## A berachá sobre o arroz

1. A *berachá* sobre o arroz cozido é *Borê Minê Mezonot*.

2. Embora a *berachá* anterior sobre o arroz seja *Borê Minê Mezonot*, a *berachá* posterior – quando comer uma porção de *cazáyit* ou mais – é *Borê Nefashot*.

Caso por engano tenha recitado a *berachá* de “*Al Hamichyá*” após ingerir arroz, esta *berachá* estará válida.

O *Ben Ish Chay* nos indica uma mnemônica para lembrar desta *halachá*: as iniciais das palavras “*ôrez*”, אורז (arroz), “*mezonot*”, מזונות e “*nefashot*”, נפשות, formam a palavra “*amen*” – אמן.

3. Ao comer uma das cinco espécies de cereais como: trigo, cevada, espelta, centeio e aveia, tanto cozidas como assadas no forno e também arroz, recitará apenas a *berachá* posterior *Meen Shalosh (Al Hamichyá)*. Por exemplo: se comer um pedaço de bolo que tenha um *cazáyit* e na mesma oportunidade comer também arroz, recitará apenas a *berachá* posterior *Meen Shalosh (Al Hamichyá)* e com isto eximirá o arroz da *berachá* *acharoná* de *Borê Nefashot*.

4. Embora a *berachá* do arroz seja *Borê Minê Mezonot*, sua importância não é a mesma dos alimentos que contêm um dos cinco cereais (trigo, cevada, espelta, centeio e aveia). Os cinco cereais, quando estiverem misturados a outros alimentos e fizerem parte integral destes ou para dar gosto e não somente para dar liga, mesmo

sendo minoria, prevalecerá a *berachá* de *Borê Minê Mezonot*.

No caso do arroz, somente prevalecerá a *berachá* de *Borê Minê Mezonot* se ele for a maioria.

Exemplos:

**Arroz com feijão:** Ao comer arroz e feijão misturados, quando o arroz for maioria, a *berachá* será *Borê Minê Mezonot*. Quando o feijão for a maioria, a *berachá* será *Adamá*.

**Macarrão misturado com carne:** No caso de comer macarrão misturado com carne, mesmo que o macarrão seja minoria e a carne maioria, prevalece a *berachá* de *Borê Minê Mezonot*.

## Mezonot sobre outros alimentos, uma berachá abrangente

5. A *berachá* de *Borê Minê Mezonot* é uma *berachá* abrangente (“*colêlet*”), que se recitada por engano sobre qualquer outro alimento ou bebida (exceto água e sal) não será necessário repetir a *berachá* apropriada.

Exemplos:

Se por engano fizer *Borê Minê Mezonot* sobre pão, a *berachá* será válida.

Se por engano fizer *Borê Minê Mezonot* sobre alguma fruta, tanto de árvore quanto da terra, a *berachá* será válida.

## Vinho na refeição

1. Quando a pessoa beber vinho numa refeição, deverá recitar a *berachá* sobre ele, por-



que a *berachá* recitada sobre o pão não isenta o vinho de *berachá*.

A *berachá* do vinho isenta os outros líquidos

2. Quando o indivíduo recitar a *berachá* sobre o vinho, outros líquidos como água, refrigerantes e bebidas alcoólicas, estarão isentos da *berachá* de *Shehacol*, pois a *berachá* de *Borê Peri Haguêfen* do vinho (por ser ele a bebida mais importante), os isenta de *berachá*. É correto que estas bebidas estejam diante do indivíduo quando este fizer a *berachá* de *Borê Peri Haguêfen*. Caso estas bebidas não estejam diante dele: se elas lhe forem trazidas enquanto o vinho ainda estiver diante dele, ou se teve a intenção de bebê-las ao recitar a *berachá* de *Borê Peri Haguêfen*, não será necessário recitar *Shehacol Nihyá Bidvarô*.

#### **Meen Shalosh (Al Haguêfen) dispensa Borê Nefashot**

3. Da mesma forma que a bênção anterior do vinho isenta as outras bebidas de *berachá*, assim também a *berachá* posterior do vinho – *Meen Shalosh (Al Haguêfen)* – isenta os outros líquidos da *berachá* de *Borê Nefashot*. Porém numa refeição com pão, o *Birchat Hamazon* isenta o vinho de *berachá* posterior.

#### **Quantidade de vinho para isentar outros líquidos**

4. Entre os *possekim* há uma discussão sobre quanto vinho deve ser consumido para isentar de *berachá* as outras bebidas.

a) Do *Shulchan Aruch* se entende, que qualquer quantidade consumida isenta os outros líquidos de *berachá* anterior.

b) O *Mishná Berurá* sustenta que só se o indivíduo tomar *melô lugamav* (45ml) de vinho, que os outros líquidos estarão isentos de *berachá*

de *Shehacol*.

Caso o indivíduo não tenha tomado *melô lugamav* (45ml), pedirá a outra pessoa – que não tenha bebido vinho – que o isente da *berachá* de *Shehacol Nihyá Bidvarô* para poder beber outros líquidos, ou ainda poderá recitar *Shehacol Nihyá Bidvarô* sobre açúcar ou alguma bala, para isentar os outros líquidos.

c) Os *sefaradim* seguem conforme o citado no item a. Os *ashkenazim* seguem conforme o item b, *lechatechilá* – em princípio – porém em caso de necessidade, poderão proceder como no item a.

#### **A berachá do vinho não isenta os sólidos**

5. A *berachá* de *Borê Peri Haguêfen* isenta de *Shehacol Nihyá Bidvarô* somente os líquidos e não os sólidos sobre os quais se recita a *berachá* de *Shehacol Nihyá Bidvarô*.

Por conseguinte, a *berachá* de *Borê Peri Haguêfen* não isenta chocolate, sorvete de leite ou sorvete de frutas com ovos, pois esses são considerados sólidos.

Os sorvetes do tipo picolé de limão, ou “*sorbet*” que são servidos em festas entre peixe e carne, são considerados líquidos e a *berachá* de *Borê Peri Haguêfen* os isenta.

#### **O vinho do Kidush isenta o vinho da refeição**

6. O vinho que se toma no *Kidush* isenta o vinho que se toma durante a refeição, se o indivíduo tiver o hábito de tomar vinho na refeição, ou se ele tinha a intenção de tomar vinho durante a refeição no momento da recitação do *Kidush*.

7. Quando o indivíduo ouvir o *Kidush*, feito por outra pessoa, no *Shabat* de manhã e em seguida comer massas como bolo ou biscoitos sobre

os quais se recita a *berachá* de *Mezonot*, os líquidos somente estarão isentos da *berachá* de *Shehacol*, se o indivíduo tomar vinho após o *Kidush*. Caso não tenha tomado vinho no momento do *Kidush* e quiser beber líquidos como água ou refrigerantes, deverá recitar a *berachá* de *Shehacol* sobre eles.

Aquele que faz o *Kidush* deve, necessariamente, tomar no mínimo 45ml do vinho. Por conseguinte, poderá beber outros líquidos, apoiando-se na *berachá* do vinho.

8. Neste caso tanto quem faz o *Kidush* da manhã como os que ouvem o *Kidush* da manhã e querem isentar-se desta obrigação, precisam comer no mínimo *cazáyit* de massas como bolo ou biscoitos sobre os quais se recita a *berachá* de *Mezonot*, e no término fazer a *berachá* de *Meen Shalosh (Al Hamichyá)*.

Caso tenham tomado 45ml do vinho e não tomaram 86ml de outros líquidos incluirão na *berachá* de *Meen Shalosh* também *Al Haguêfen*.

Uma vez que comeram no mínimo *cazáyit* de massas como bolo ou biscoitos sobre os quais se recita a *berachá* de *Mezonot* e tenha tomado 45ml do vinho e também 86ml de outros líquidos, deverão recitar a *berachá* de *Meen Shalosh (Al Hamichyá)* e *Borê Nefashot*, não incluindo *Al Haguêfen* na *berachá* de *Meen Shalosh*.

Ao tomar mesmo que um pouco de vinho como citado – vide parágrafo 4 – estarão isentos de fazer *Shehacol* sobre os outros líquidos. Se tomarem *reviit* (86ml) destes outros líquidos, farão no fim a *berachá* de *Meen Shalosh (Al Hamichyá)* sobre as massas como bolo ou biscoitos sobre os quais se recita a *berachá* de *Mezonot* e *Borê Nefashot* sobre os líquidos.

do livro “*Veten Berachá*”  
de autoria do Rabino Isaac Dichi



# Arroz

O arroz faz parte da alimentação básica de mais da metade da população mundial. Cada 100g de arroz integral contém aproximadamente 8g de proteínas, 1g de gordura, 75g de hidratos de carbono, 16g de água e 345 calorias. Além disso, o arroz integral contém vitaminas B1 e principalmente B2, ferro, fósforo e cálcio.

O arroz é indicado para quem tem distúrbios intestinais, em especial o arroz branco feito sem gordura, de fácil digestão, cuja água do cozimento ajuda os bebês com diarreia.

O arroz branco é um alimento com ótimas propriedades. Não é aconselhado para quem tem os intestinos presos, que deve preferir o integral, por ter fibras.

O arroz deve ser comido com leguminosas ou com carnes, pois suas proteínas são incompletas.

O arroz solto, feito com o tipo de arroz longo ou médio, só fica bom com grãos inteiros. Ao comprar, prefira aquele que apresente grãos

médios, com menor quantidade possível de grãos partidos. Não compre o arroz se estiver opaco, pois ficará empapado. O arroz deve ser um pouco translúcido.

Para risoto, escolha o arroz de grão curto. Nas lojas especializadas existem tipos italianos de arroz especiais para este prato.

Ao escolher arroz integral, prefira o sem resíduos, sinal de caruncho ou ácaros. A presença de pó no fundo da embalagem pode indicar a sua presença.

Convém guardar o arroz em latas ou frascos, evitando deixá-lo na embalagem original, onde poderá absorver o cheiro de outros produtos que estejam próximos.

**Quanto rende:** Para calcular a quantidade de arroz cozido, lembre-se que uma xícara de arroz cru rende duas xícaras de arroz cozido. Quanto ao peso, o arroz cozido triplica o seu peso.

**Quantidade certa:** Prepare aproximada-

mente 50g de arroz por pessoa.

**Quanta água:** Para que o arroz não fique empapado, calcule duas xícaras de água para cada xícara de arroz cru.

**Água fervente:** É recomendável colocar o arroz a cozer em água fervente. Mesmo a água que se adicionar durante o cozimento deve ser quente.

**Mais branco e solto:** Para que o arroz fique mais branco e solto, basta acrescentar umas gotas de limão à água de cozimento.

**Arroz soltinho:** Faça um furo no arroz quando estiver quase cozido. Verta nesse espaço uma colher de sopa de vinagre e deixe cozer lentamente por mais dois minutos. Você vai se surpreender com um arroz tão solto.

**Arroz bem seco:** Para fazer um arroz bem seco sem maiores complicações, faça o seguinte: cinco minutos antes de terminar o cozimento, coloque uma fatia de pão dentro da panela. Tape e termine de cozinhar o arroz. O pão absorverá o excesso de água e os grãos incharão.

**Como saber se secou:** Para ter certeza de que a água do arroz já secou, apague o fogo, molhe o dedo e bata-o no lado de fora da panela. Se a panela estalar, a água já secou.

**Arroz rápido:** Na hora da pressa, faça o arroz na panela de pressão.

Quando a panela começar a chiar, deixe-a no fogo por mais dois minutos e espere esfriar.

**Pouco sal:** Se depois do cozimento o arroz estiver com pouco sal, misture o sal em falta num copo de água e junte-o ao arroz. Em seguida leve-o novamente ao fogo até estar novamente no ponto.

**Muito sal:** Se o arroz cozido estiver salgado, borrife-o com sumo de limão. Simples e eficaz.

**Queimado I:** Para eliminar o cheiro e o sabor de queimado do arroz, introduza uma cebola cortada ao meio entre o arroz. Deixe dentro da panela por alguns minutos e depois transfira o arroz para outro recipiente sem retirar o fundo que ficou queimado.

**Queimado II:** Se o arroz queimar, coloque imediatamente a panela ainda quente e com vapor dentro de um recipiente com água fria. Após alguns minutos o cheiro de queimado desaparece. Tire o arroz da panela sem raspar o fundo que queimou.

**Queimado III:** Quando queimar o arroz, não raspe o fundo da panela. Coloque a panela numa vasilha com água fria, cubra a boca com um pano úmido e tampe a panela. Passado algum tempo, retire o arroz, mas com cuidado para não raspar o fundo da panela. ■

**ESTRELA**  
Aviamentos

**Desejamos muita saúde,  
brachot e alegrias  
para toda Kehilá.**

**Fitas Elásticas Estrela Ltda**  
Rua João Roberto, 580  
Cidade Industrial de Cumbica  
CEP 07221-040 - Guarulhos - SP  
Tel.: (11) 2142-7277  
e-mail: estrela@estrela.ind.br  
www.estrela.ind.br

A confiabilidade dos anúncios desta publicação é de inteira responsabilidade dos anunciantes, não cabendo responsabilidade à diretoria da Congregação ou a seus associados.

**NASCENTE**

*“Todo aquele que possui as três qualidades que se vão enumerar é um discípulo de Avraham, nosso pai; o que possui os vícios opostos é um discípulo de Bil’am, o ímpio. O bom olhar, a humildade e a abnegação são as características dos discípulos de Avraham. O mau olhar, o orgulho e a ambição são as características dos discípulos de Bil’am.”*

*Ética dos Pais 5:23*

**KALIMO**

*Parabeniza a Congregação pela divulgação dos valores judaicos.*



# A Grandeza do Rambam

A sabedoria do Maimônides não se restringia apenas à Torá, mas também à Medicina e outras ciências.



**N**ão demorou para a fama do Rabbah (Maimônides) e seu renome se espalharem por todas as terras vizinhas. Quando o Rei do Egito Salah Adin ouviu sobre sua grandeza e sua sabedoria nas Ciências Médicas, nomeou-o seu médico particular.

Os outros ministros do rei invejaram-no muito, pois o rei promoveu o Rabbah. Disseram uns aos outros: “Como é possível que um judeu seja ministro e conselheiro do rei?”

Todas as calúnias e acusações que falavam sobre o Rabbah para o rei não eram aceitas por ele. O rei não ouvia seus conselhos para transferi-lo para uma função inferior.

Também crescia a inveja pelo Rabbah nos médicos egípcios. Eles passaram a conspirar contra ele para demonstrar que não era grande nas Ciências Médicas. Disseram ao rei que gostariam de travar um debate com o Rabbah sobre Medicina.

O rei sabia que o Rabbah era um grande médico; portanto concordou com o debate. O rei acreditava que por meio de um debate a sabedoria do Rabbah seria ainda mais difundida.

O rei convocou o Rabbah e avisou-o que os médicos estavam interessados em travar um importante debate profissional no âmbito da Medicina. Aconselhou-o a aceitar essa sugestão, com a certeza de que ele os venceria.

Durante muitas horas o Rabbah discutiu com os médicos. No final foram reveladas divergências de opinião entre eles com relação à eventual possibilidade de curar um homem cego.

A opinião do Rabbah era que é possível curar um cego, desde que ele tivesse perdido a visão após o nascimento. Porém, seria impossível curar

alguém que já nasceu cego. Os demais médicos sustentavam, ao contrário do Rabbah, que com sua grande sabedoria poderiam curar também um indivíduo que nasceu cego, e até estavam dispostos a provar isso.

No final do debate foi decidido que, se dentro de oito dias os médicos trouxessem uma pessoa cega de nascença e a curassem perante o rei, eles teriam vencido o Rabbah e poderiam destituí-lo de seu posto.

Os médicos, que não queriam se arriscar, saíram pelas ruas da cidade à procura de um cego que tivesse perdido sua visão após o nascimento.

Depois de muito procurar, eles encontraram um rapaz órfão de pai, com a idade de quatorze anos, que tinha perdido a visão quando criança.

Os médicos lhe perguntaram:

– Você estaria interessado que nós o curássemos?

– Sim, claro que sim! – exclamou o garoto com alegria.

Então os médicos logo sugeriram:

– Nós o curaremos com a seguinte condição: que você diga perante o rei que você é cego de nascença. Sua mãe e todos os seus vizinhos também devem testemunhar isso.

O rapaz ficou muito feliz depois da exposição dos fatos e concordou com a condição imposta pelos médicos. Correu para casa para anunciar à sua mãe as boas notícias.

A mãe do rapaz concordou com tudo o que foi exposto e foi procurar os médicos. Consentiu com a condição e eles a orientaram sobre o que ela e seus vizinhos deveriam dizer ao rei.

Os médicos trataram do rapaz durante oito dias até o ponto em que ele estava prestes a enxergar.

Ao término dos oito dias, o Rabbah, os médicos e o rapaz cego com-

pareceram perante o rei.

Os médicos disseram:

– Sua Majestade, veja, por favor. Trouxemos à sua presença um rapaz cego de nascença, como testemunha-rão sua mãe e vizinhos. Conseguimos curá-lo de sua cegueira, conforme nos comprometemos.

O rei inquiriu a mãe e os vizinhos e todos responderam dizendo: “Este rapaz é cego de nascença e jamais viu a luz do Sol em sua vida.”

Depois disso, os médicos aplicaram diversos remédios ao jovem cego e ele passou a enxergar.

Então confirmou-se perante o rei e todos os presentes, que apesar de o rapaz ser cego de nascença, os médicos tinham o poder de curá-lo.

O rei virou-se para o Rambam e disse:

– O que você tem a dizer sobre isso? Afinal, vimos com nossos próprios olhos que os médicos conseguiram curar a cegueira do rapaz, mesmo sendo ele um cego de nascença!

– Pois eu não acredito que este jovem nasceu cego – respondeu o Rambam. – Tenho certeza que, quando era criança, ele enxergava. Não é possível curar alguém que é cego de nascença.

De qualquer maneira, peço a todos os presentes que não saiam desta sala. Dentro de alguns momentos eu volta-rei.

O rei concordou com o pedido do Rambam. Ele foi até o mercado e comprou sete papéis de cores diferentes. Voltou ao palácio do rei e entrou seguido pelos olhares curiosos dos presentes, ansiosos para saber o que ele faria.

O Rambam chamou o rapaz e disse-lhe:

– Meu filho, quero fazer-lhe uma pergunta. Por acaso você está enxergando bem? Você é capaz de distinguir uma coisa da outra?

– Sim – respondeu o jovem. – Eu posso ver e distinguir muito bem as coisas.

O Rambam então tirou os papéis coloridos e, mostrando-os ao rapaz, indagou:

– Diga-nos, por favor, quais as cores destes papéis?

– Aquele é azul, o segundo é verde, o terceiro é vermelho...

Nesse instante, o Rambam dirigiu-se ao rei e disse-lhe com o rosto iluminado:

– Veja, Sua Majestade, que os mé-

dicos, o rapaz, sua mãe e os vizinhos estão mentindo ao dizerem que o garoto jamais enxergou a luz do Sol.

O rei e os médicos concentravam-se com ar interrogativo nas palavras do Rambam.

O sábio continuou com voz calma e segura:

– Se, de verdade e sem truques, o rapaz era cego de nascença, como é possível que ele saiba distinguir uma cor da outra? Se ele sabe denominar cada cor, é sinal que seus olhos já enxergaram alguma vez estas cores e que ele ficou cego mais tarde.

Ao ouvirem as palavras do Rambam e a sua prova vitoriosa, os médicos ficaram boquiabertos e muito envergonhados.

O rei quis castigar severamente todos aqueles que tiveram a ousadia de mentir para ele, porém o Rambam pediu que ele os perdoasse.

O bom nome do Rambam espalhou-se por toda a Terra, pela grande sabedoria que possuía e pela grande generosidade com que tratava todas as criaturas. Ele encontrou graça e compreensão aos olhos de D’us e dos homens. ■



Para receber a revista NASCENTE gratuitamente em São Paulo, preencha esta ficha e envie para: Rua São Vicente de Paulo, 276 CEP 01229-010 São Paulo – SP ou pelo fax: 11 3660-0404



**Sim, eu quero receber, gratuitamente a Revista NASCENTE em São Paulo**

**Nome:** \_\_\_\_\_

**Endereço:** \_\_\_\_\_

**São Paulo - SP**

**CEP:** \_\_\_\_\_ **Fones:** \_\_\_\_\_

**E-mail:** \_\_\_\_\_

**Instituição judaica que frequenta:** \_\_\_\_\_

# Pensamentos

Você pode reclamar que as roseiras têm espinhos,  
ou alegrar-se porque elas têm rosas!

A vida é para quem topa qualquer parada,  
e não para quem para em qualquer topada!

Nós não enxergamos as coisas como elas são.  
Enxergamos as coisas como nós somos!

Você pode viver no passado...  
Mas não há futuro nisto!

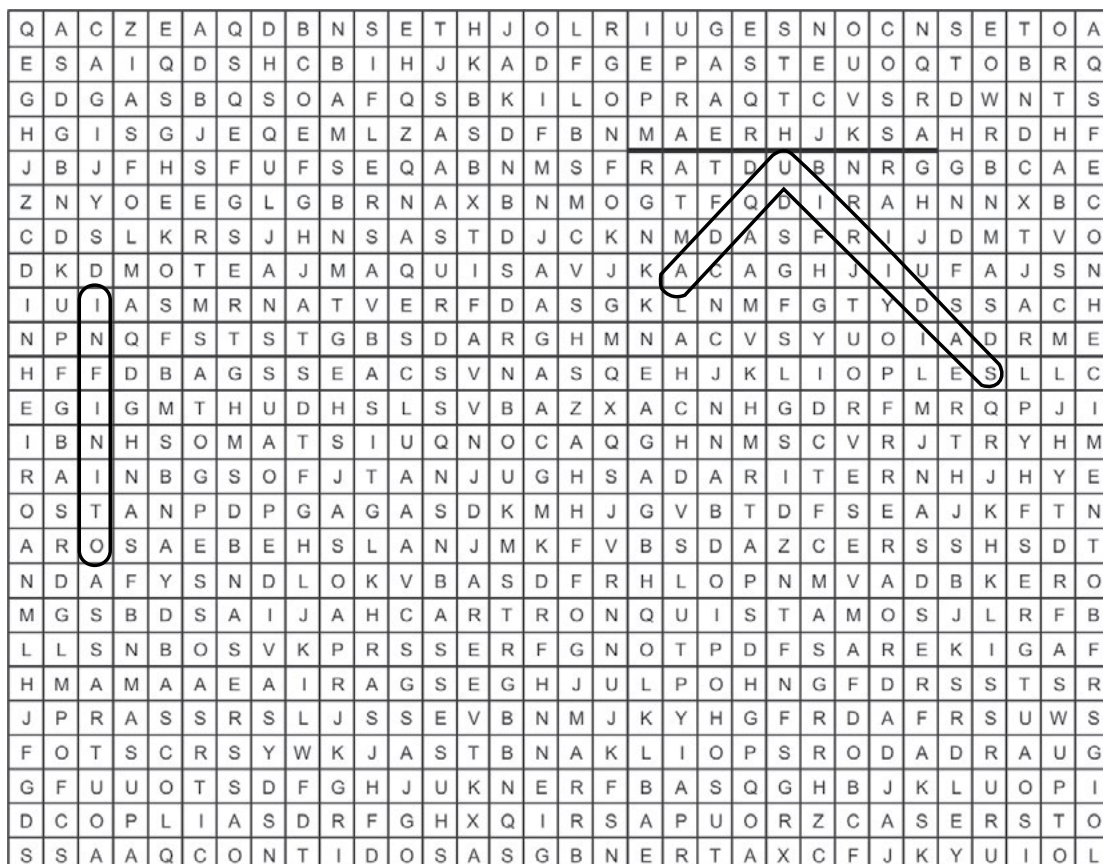
Onde D'us Se encontra?  
Onde permitem que ele entre!  
(Rabi Menachem Mendel de Kotsk)

O Criador Se oculta para que  
o homem O procure.  
(Rabi Nachman de Breslav)

# Pega Palavra

*Encontre no diagrama as palavras destacadas em negrito no texto abaixo. As palavras se encontram em linhas retas em todas as direções: horizontal, vertical e diagonal, em ordem direta ou inversa. Na busca, as palavras não podem ultrapassar a barreira, mas podem rebater nela.*

A aquisição do **conhecimento** da Torá é **diferente** de todas as **outras** aquisições. A explicação desta afirmação vem do fato de que **todas** as aquisições que um indivíduo possa **conseguir** não fazem **parte** integral dele. As **roupas adquiridas** não fazem parte integral das pessoas, uma vez que são freqüentemente **trocadas**. O **dinheiro**, por mais bem **guardado** que esteja, não faz parte das **pessoas**. Todas estas coisas podem ser **retiradas** dos **homens**. A única aquisição que faz parte **integral** de nós é o conhecimento que **conquistamos**. Ninguém pode tirar o conhecimento adquirido pelos indivíduos; e todos os conhecimentos estão **contidos** no **infinito** conhecimento da Torá.





# 7 JOGO DOS ERROS

An advertisement for HM headscarves. It features five mannequin heads wearing different styles of headscarves: a dark blue one with a gold pattern, a black and white patterned one, a light blue one, a blue and white patterned one, and a red, white, and blue patterned one. The background is a soft-focus pattern of pink and purple flowers.

**HM**  
Hecho por Mi  
Costura - Crochê

Kissuim  
Imperdíveis!

Garanta  
já os  
seus!

Telefone: 94168-5077



# Shevat <sup>5781</sup>

14 de Janeiro de 2021 a  
12 de Fevereiro de 2021

## ROSH CHÔDESH

Quinta-feira, 14 de janeiro.

Não se fala Tachanun no dia e em Minchá da véspera.  
Acrescenta-se Yaalê Veyavô nas amidot e no Bircat Hamazon.  
Acrescenta-se Hallel Bedilug em Shachrit.

## BIRCAT HALEVANÁ PERÍODO PARA A BÊNÇÃO DA LUA

Início (conforme costume sefaradi):  
Quarta-feira, 20 de janeiro, às 19h30m  
(horário para São Paulo).  
Final: Quinta-feira, 28 de janeiro, às 4h28m  
(horário para São Paulo).

## TU BISHVAT

Ano novo das árvores.  
Quinta-feira, 28 de janeiro.

Não se recita Tachanun no dia e em Minchá da véspera.  
No dia quinze do mês de shevat comemora-se o ano novo agrícola.  
Costuma-se fazer uma refeição com diversos tipos de frutas neste dia, principalmente com as frutas sobre as quais a Terra de Israel é enaltecida.



*Deseja sucesso  
para toda a  
Kehilá!*

[www.kadur.com.br](http://www.kadur.com.br)

## Albert Choueke e família

Parabenizam a  
Congregação Mekor Haim  
pelo belíssimo trabalho de  
divulgação da nossa  
sagrada Torá

# Daf Hayomi

The screenshot shows a web interface for 'Daf Hayomi' lessons. On the left, there is a video player for 'Nedarim 14' featuring a man in a white shirt and tie. On the right, a list of lessons is displayed with dates and durations. Below the video, there is a section for 'Clique e arraste' with Hebrew text and a 'Próxima' button.

Lesson	Date	Duration
Nedarim 2	26/mai/15	31m51s
Nedarim 3	27/mai/15	30m49s
Nedarim 4	28/mai/15	41m52s
Nedarim 5	29/mai/15	33m26s
Nedarim 6	30/mai/15	11m18s
Nedarim 7	31/mai/15	33m23s
Nedarim 8	01/jun/15	28m19s
Nedarim 9	02/jun/15	30m42s
Nedarim 10	03/jun/15	23m20s
Nedarim 11	04/jun/15	34m49s
Nedarim 12	05/jun/15	43m52s
Nedarim 13	06/jun/15	11m17s

Acompanhe as aulas  
diárias de Guemará no

Portal Judaico Brasileiro

[www.revistanascente.com.br](http://www.revistanascente.com.br)

Aulas de TODAS as  
páginas publicadas!

[www.revistanascente.com.br](http://www.revistanascente.com.br)

**Adar**<sup>5781</sup>

13 de fevereiro de 2021 a  
13 de Março de 2021

## **ROSH CHÔDESH**

**Sexta-feira e sábado, dias 12 e 13 de fevereiro.**

Não se fala Tachanun no dia e em Minchá da véspera.

Não se fala Tsidcatechá em Minchá de Shabat.

Acrescenta-se Yaalê Veyavô nas amidot e no Bircat Hamazon.

Acrescenta-se o Hallel Bedilug em Shachrit.

Acrescenta-se a oração de Mussaf.

## **BIRCAT HALEVANÁ PERÍODO PARA A BÊNÇÃO DA LUA**

Início (conforme costume sefardi):

Sexta-feira, dia 19 de fevereiro,  
a partir das 1h19m (em São Paulo).

Final: Sexta-feira, 26 de fevereiro,  
até as 19h41m (em São Paulo).

## **SHABAT ZACHOR**

**Dia 20 de fevereiro.**

Faz-se uma leitura especial, "Parashat Zachor"  
(Devarim 25:17-19), no maffir da leitura da Torá.

## **TAANIT ESTER JEJUM DE ESTER Quinta-feira, 25 de fevereiro.**

Início: 4h48m. Término: 19h09m (em São Paulo).

Esta data lembra os dias de jejum e orações solicitados  
pela Rainha Ester ao povo, quando foi pedir ao

## **PURIM**

**Sexta-feira, 26 de fevereiro – não se diz Tachanun.**

Nossos sábios determinaram que a Meguilat Ester seja lida de um rolo de pergaminho no qual o texto é escrito à mão, para lembrarmos do milagre de Purim, quando D'us nos salvou do extermínio planejado por Haman durante o Império Medo-Persa. A leitura deve ser efetuada duas vezes: na noite (anterior ao dia) de Purim e de manhã. Além da mitsvá de escutar a leitura da Meguilá, deve-se enviar matanot laevyonim: presentes para pelo menos dois carentes. Outro preceito é o de enviar pelo menos duas espécies de alimentos prontos para o consumo a um amigo, denominados de mishlôach manot.

A refeição festiva de Purim, na qual não deve faltar  
carne e vinho, é outro preceito.

Os interessados podem adquirir gratuitamente um exemplar  
do livro publicado pela Congregação, "Purim – Leis, Comentários e Meguilat Ester", na secretaria em  
horário comercial.

## **SHUSHAN PURIM**

Shabat, 27 de fevereiro. Não se recita Tsidcatechá em Minchá.

## HORÁRIO DE ACENDER AS VELAS DE SHABAT EM SÃO PAULO

29 de janeiro	-	18h35m	05 de março	-	18h11m
05 de fevereiro	-	18h32m	12 de março	-	18h04m
12 de fevereiro	-	18h28m	19 de março	-	17h57m
19 de fevereiro	-	18h23m	26 de março	-	17h51m
26 de fevereiro	-	18h17m	02 de abril	-	17h43m

## PARASHAT HASHAVUA

30 de janeiro	-	Parashat: Beshalach	Haftará: Vatáshar Devorá (sefaradim)
06 de fevereiro	-	Parashat: Yitrô	Haftará: Bishnat Mot Hamêlech
13 de fevereiro	-	Parashat: Mishpatim / Shecalim	Haftará: Vayichrot Yehoyadá (sefaradim)
20 de fevereiro	-	Parashat: Terumá / Zachor	Haftará: Vayômer Shemuel el Shaul (sefaradim)
27 de fevereiro	-	Parashat: Tetsavê	Haftará: Atá Ven Adam
06 de março	-	Parashat: Ki Tissá / Pará	Haftará: Ben Adam Bêt Yisrael
13 de março	-	Parashat: Vayak'hel - Pecudê / Hachôdesh	Haftará: Barishon Beechad Lachôdesh (sefaradim)
20 de março	-	Parashat: Vayicrá	Haftará: Am Zu Yatsárti Li
27 de março	-	Parashat: Tsav (Shabat Hagadol)	Haftará: Vearevá Lashem (Sefaradim)

## HORÁRIO DAS TEFILOT

- Shachrit:** De segunda a sexta-feira - 20 min. antes do nascer do Sol (vatikin), 06h20m (Midrash Shelomô Khafif), 06h50m (Zechut Avot) e 07h15m (Ôhel Moshê).  
Aos sábados - 08h15m (principal), 08h20m (Zechut Avot), 08h40m (infanto-juvenil) e 08h45m (ashkenazim).  
Aos domingos e feriados - 20 min. antes do nascer do Sol, 07h30m e 08h30m.
- Minchá:** De domingo a quinta - 30 min. antes do pôr do sol.
- Arvit:** De domingo a quinta - 10 min. antes do pôr do sol.

MINCHÁ DE ÊREV SHABAT		MINCHÁ DE SHABAT			
29 de janeiro	-	18h35m	30 de janeiro	-	17h35m
05 de fevereiro	-	18h32m	06 de fevereiro	-	17h30m
12 de fevereiro	-	18h28m	13 de fevereiro	-	17h25m
19 de fevereiro	-	18h23m	20 de fevereiro	-	17h20m
26 de fevereiro	-	18h17m	27 de fevereiro	-	17h15m
05 de março	-	18h11m	06 de março	-	17h10m
12 de março	-	18h04m	13 de março	-	17h00m
19 de março	-	17h57m	20 de março	-	16h55m
26 de março	-	17h51m	27 de março	-	16h50m
02 de abril	-	17h43m	03 de abril	-	16h40m

# TABELA DE HORÁRIOS SHEVAT / ADAR 5781

São Paulo	Dia	Alot Hashá-char	Zeman Tefilin	Nets Hachamá (nasc. Sol)	Sof Zeman Keriat Shemá			Sof Zeman Amidá		Chatsot	Minchá Guedolá	Sof Zem. Mussáf		Péleg Haminchá		Shekiá (pôr-do-sol)	
					de alot a tset	de alot a tset (72m)	do nets à shekiá	de alot a tset	do nets à shekiá			de alot a tset	do nets à shekiá	do nets à shekiá	de alot a tset		
janeiro	14	04:16	4:42	5:32	8:03	8:15	8:54	9:19	10:01	12:16	12:49	13:06	13:23	17:35	17:49	18:59	
	15	04:16	4:43	5:33	8:03	8:15	8:54	9:19	10:02	12:16	12:50	13:06	13:23	17:35	17:49	18:59	
	16	04:17	4:43	5:33	8:04	8:16	8:54	9:19	10:02	12:16	12:50	13:06	13:23	17:35	17:49	18:59	
	17	04:18	4:44	5:34	8:04	8:16	8:55	9:20	10:02	12:16	12:50	13:06	13:24	17:35	17:50	18:59	
	18	04:19	4:45	5:35	8:05	8:17	8:56	9:21	10:03	12:17	12:50	13:07	13:24	17:35	17:50	18:59	
	19	04:20	4:46	5:36	8:06	8:18	8:56	9:21	10:03	12:17	12:50	13:07	13:24	17:34	17:49	18:58	
	20	04:21	4:46	5:36	8:07	8:18	8:56	9:22	10:03	12:17	12:50	13:07	13:24	17:34	17:49	18:58	
	21	04:22	4:47	5:37	8:07	8:19	8:57	9:22	10:04	12:18	12:51	13:08	13:24	17:35	17:49	18:58	
	22	04:23	4:48	5:38	8:08	8:20	8:58	9:23	10:05	12:18	12:51	13:08	13:25	17:35	17:49	18:58	
	23	04:24	4:49	5:39	8:09	8:20	8:59	9:24	10:05	12:18	12:52	13:08	13:25	17:35	17:49	18:58	
	24	04:25	4:49	5:39	8:10	8:21	8:59	9:24	10:05	12:18	12:52	13:09	13:25	17:35	17:49	18:57	
	25	04:25	4:50	5:40	8:10	8:21	8:59	9:24	10:06	12:19	12:52	13:09	13:25	17:34	17:49	18:57	
	26	04:26	4:51	5:41	8:10	8:22	9:00	9:25	10:06	12:19	12:52	13:09	13:25	17:34	17:49	18:57	
	27	04:27	4:51	5:41	8:11	8:22	9:00	9:25	10:06	12:19	12:52	13:09	13:25	17:34	17:49	18:57	
	28	04:28	4:52	5:42	8:11	8:23	9:00	9:26	10:07	12:19	12:52	13:09	13:25	17:34	17:49	18:56	
	29	04:29	4:53	5:43	8:12	8:24	9:01	9:26	10:07	12:20	12:53	13:09	13:26	17:33	17:48	18:56	
	30	04:30	4:54	5:44	8:13	8:25	9:02	9:27	10:08	12:20	12:53	13:10	13:26	17:33	17:48	18:56	
	31	04:31	4:54	5:44	8:13	8:25	9:02	9:27	10:08	12:20	12:52	13:10	13:25	17:33	17:48	18:55	
	fevereiro	1	04:32	4:55	5:45	8:14	8:26	9:02	9:28	10:08	12:20	12:53	13:10	13:26	17:33	17:48	18:55
		2	04:33	4:56	5:46	8:14	8:26	9:03	9:28	10:09	12:20	12:53	13:10	13:26	17:32	17:47	18:54
		3	04:34	4:56	5:46	8:15	8:27	9:03	9:29	10:09	12:20	12:53	13:10	13:26	17:32	17:47	18:54
		4	04:34	4:57	5:47	8:15	8:27	9:04	9:29	10:09	12:20	12:53	13:10	13:26	17:31	17:46	18:53
		5	04:35	4:58	5:48	8:16	8:28	9:04	9:29	10:10	12:21	12:53	13:10	13:26	17:31	17:46	18:53
		6	04:36	4:58	5:48	8:16	8:28	9:04	9:30	10:10	12:20	12:53	13:10	13:25	17:30	17:45	18:52
		7	04:37	4:59	5:49	8:17	8:29	9:05	9:30	10:10	12:20	12:53	13:10	13:26	17:30	17:45	18:52
		8	04:38	5:00	5:50	8:18	8:29	9:05	9:31	10:10	12:20	12:53	13:10	13:26	17:30	17:45	18:51
		9	04:39	5:00	5:50	8:18	8:30	9:05	9:31	10:10	12:20	12:53	13:11	13:26	17:30	17:45	18:51
		10	04:40	5:01	5:51	8:19	8:30	9:06	9:32	10:11	12:21	12:53	13:10	13:25	17:29	17:44	18:50
		11	04:40	5:02	5:52	8:19	8:30	9:06	9:32	10:11	12:21	12:53	13:10	13:26	17:29	17:44	18:50
		12	04:41	5:02	5:52	8:19	8:31	9:06	9:32	10:11	12:20	12:53	13:10	13:25	17:27	17:42	18:49
		13	04:42	5:03	5:53	8:20	8:32	9:07	9:32	10:11	12:20	12:53	13:10	13:25	17:27	17:42	18:48
14		04:43	5:03	5:53	8:20	8:32	9:07	9:33	10:11	12:20	12:53	13:10	13:25	17:26	17:42	18:48	
15		04:44	5:04	5:54	8:21	8:33	9:07	9:33	10:12	12:20	12:53	13:10	13:25	17:26	17:42	18:47	
16		04:44	5:05	5:55	8:21	8:32	9:08	9:33	10:12	12:20	12:53	13:10	13:25	17:25	17:40	18:46	
17		04:45	5:05	5:55	8:21	8:33	9:08	9:33	10:12	12:20	12:52	13:10	13:24	17:25	17:40	18:45	
18		04:46	5:06	5:56	8:22	8:34	9:08	9:34	10:12	12:20	12:53	13:10	13:25	17:24	17:39	18:45	
19		04:47	5:06	5:56	8:22	8:34	9:08	9:34	10:12	12:20	12:52	13:10	13:24	17:24	17:39	18:44	
20		04:47	5:07	5:57	8:22	8:34	9:08	9:34	10:12	12:20	12:52	13:09	13:24	17:22	17:38	18:43	
21		04:48	5:07	5:57	8:23	8:34	9:08	9:34	10:12	12:20	12:52	13:09	13:23	17:22	17:38	18:42	
22		04:49	5:08	5:58	8:24	8:35	9:09	9:35	10:13	12:20	12:52	13:09	13:24	17:22	17:37	18:42	
23		04:50	5:09	5:59	8:24	8:36	9:09	9:35	10:13	12:20	12:52	13:09	13:24	17:22	17:37	18:41	
24		04:50	5:09	5:59	8:24	8:36	9:09	9:35	10:13	12:20	12:51	13:09	13:23	17:20	17:35	18:40	
25		04:51	5:10	6:00	8:24	8:36	9:10	9:35	10:13	12:20	12:51	13:09	13:23	17:20	17:35	18:39	
26		04:52	5:10	6:00	8:25	8:36	9:10	9:36	10:13	12:19	12:51	13:08	13:22	17:19	17:34	18:38	
27		04:52	5:11	6:01	8:25	8:36	9:10	9:36	10:13	12:20	12:51	13:08	13:23	17:19	17:34	18:38	
28		04:53	5:11	6:01	8:25	8:37	9:10	9:36	10:13	12:19	12:50	13:08	13:22	17:18	17:33	18:37	
março	1	04:54	5:12	6:02	8:26	8:38	9:10	9:36	10:13	12:19	12:50	13:08	13:22	17:17	17:33	18:36	
	2	04:55	5:12	6:02	8:26	8:38	9:10	9:37	10:13	12:18	12:50	13:08	13:21	17:17	17:32	18:35	
	3	04:55	5:13	6:03	8:26	8:38	9:11	9:36	10:13	12:18	12:50	13:07	13:21	17:16	17:31	18:34	
	4	04:56	5:13	6:03	8:27	8:38	9:10	9:37	10:13	12:18	12:49	13:07	13:20	17:15	17:30	18:33	
	5	04:57	5:14	6:04	8:27	8:39	9:11	9:37	10:13	12:18	12:49	13:07	13:20	17:14	17:30	18:32	
	6	04:57	5:14	6:04	8:27	8:38	9:11	9:37	10:13	12:18	12:49	13:06	13:20	17:13	17:29	18:31	
	7	04:58	5:14	6:04	8:27	8:39	9:10	9:37	10:13	12:17	12:48	13:06	13:19	17:12	17:28	18:30	
	8	04:58	5:15	6:05	8:27	8:39	9:11	9:37	10:13	12:17	12:48	13:06	13:19	17:12	17:27	18:29	
	9	04:59	5:15	6:05	8:28	8:40	9:11	9:37	10:13	12:17	12:48	13:06	13:19	17:12	17:27	18:29	
	10	04:59	5:16	6:06	8:28	8:39	9:12	9:37	10:13	12:17	12:48	13:06	13:19	17:11	17:26	18:28	
	11	05:00	5:16	6:06	8:28	8:40	9:11	9:37	10:13	12:16	12:47	13:05	13:18	17:10	17:25	18:27	
	12	05:00	5:17	6:07	8:28	8:40	9:12	9:37	10:13	12:16	12:47	13:05	13:18	17:09	17:24	18:26	
	13	05:01	5:17	6:07	8:28	8:40	9:12	9:37	10:13	12:16	12:47	13:05	13:18	17:08	17:24	18:25	
	14	05:01	5:18	6:08	8:28	8:40	9:12	9:37	10:13	12:16	12:47	13:04	13:17	17:07	17:23	18:24	



## “O Melhor da Classe”

CHAYIM WALDER

Não vou contar meu nome para não acharem que eu estou me gabando.

Sou considerado o aluno mais aplicado da classe.

Presto atenção a todas as aulas, participo e respondo a todas as perguntas.

Nunca aconteceu de o professor me fazer uma pergunta que eu não soubesse a resposta correta.

Termino as provas em primeiro lugar e recebo sempre um “excelente”.

Quando algum dos alunos da classe tem alguma dúvida sobre a matéria, sabe que pode me procurar para obter uma boa explicação.

Também dizem que minha escrita é a mais bonita da classe.

A cada início de ano, o professor do ano anterior pede-me os meus cadernos. Meus cadernos ajudam o professor e também são usados como exemplo para os novos alunos da série. Isso me deixa lisonjeado.

Mas o problema é que há aqueles que me invejam. Às vezes, percebo crianças

conversando sobre mim em voz baixa dizendo palavras como estas:

“Grande coisa! Ele simplesmente sabe a matéria. Nem precisa se esforçar para ser aplicado”.

Até parece que os anjos me trazem os conhecimentos como um presente celestial... Que eu não preciso me esforçar...

Gostaria de contar a vocês que isso não é verdade. Certamente não é!

A verdade é que vivo em constante medo e tensão.

Eu simplesmente não sou capaz de entrar em uma aula sem estar pronto.

Tenho medo de que o professor me pergunte algo que eu não saiba. Todos se acostumaram de tal forma ao fato de que eu sempre sei tudo, que, se uma vez não souber, todos comentarão e farão gozações. E é isso que temo.

A verdade é que o segredo que está por trás de meus conhecimentos é o trabalho que invisto nos estudos em minha casa. Sei que há crianças na classe que têm mais talento do que eu, mas que não se esforçam como eu para serem aplicadas.

Às vezes, tenho dificuldades com os estudos. Às vezes não entendo a matéria. Nestes casos, fico sentado estudando e revisando a lição até tarde da noite.

Papai me diz que é maravilhoso ser estudioso e a aplicação é muito importante, mas que é uma pena que minha vontade de ser persistente provém do medo de falhar.

“Ficarei feliz também quando você tirar nota 8 ou 7”, ele diz. “Vou amá-lo e orgulhar-me de você mesmo se você não for o primeiro da classe.”

Mas, mesmo assim, tenho dificuldade em superar meu medo.

Acreditem, não é fácil ser o primeiro da classe!

O professor confia em mim e frequentemente me envia para realizar missões de responsabilidade.





Meus pais também me tratam com seriedade e sinto-me bem com isso.

Não pensem que sou um garoto que não sorri, ou algo assim. Pelo contrário; vocês poderão me ver dando uma gostosa gargalhada, correndo e chutando bola. Um garoto deve brincar, não pode ser como um adulto. Mas, para ter sucesso na vida, é preciso acostumar-se a pensar antes de cada coisa que fazemos.

Contei a vocês um pouco do meu mundo.

Ainda não sei como resolver meu problema – meu medo de ser alvo de zombarias caso decepcione com minhas atitudes e conhecimentos.

Também não sei o que vai acontecer emocionalmente comigo se algum dia eu falhar.

Espero que em meu amadurecimento eu encontre as respostas e soluções que estou procurando.

Agora vocês entendem um pouco sobre o mundo do “melhor aluno da classe”.

*Tradução de Guila Koschland Wajnryt*

*Permissões exclusivas para a NASCENTE*

*Chayim Walder em “Yeladim Messaperim al Atsmam”,*

*baseado em cartas recebidas de crianças.*

# NASCENTE

## Faça seu site conosco!

**Equipe especializada em desenvolvimento de sistemas web (CRM, ERP, CMS) Criação de sites e portais personalizados**

**Fone: 11 3822-1416**

[revista\\_nascente@hotmail.com](mailto:revista_nascente@hotmail.com)





# *Leiluy Nishmat*

*Moshê ben Shefia z"l*

*Nissim ben Emilie z"l*

*Raffaele ben Salha Picciotto z"l*

*Siahou Haim Dayan ben Adel z"l*

*Simon Alouan ben Guilsome z"l*

*Ester bat Sofi Shafia z"l*

*Ester Ides bat Israel Chaim z"l*

*Renée Khafif bat Emily z"l*

*Shlime bat Feigue z"l*

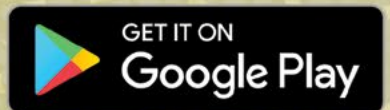


# APPS ANDROID

Aplicativos para celular desenvolvidos pela equipe Ôhel Moshê



Acesse a Play Store e baixe os apps gratuitamente!



Leiluy Nishmat  
Sr. Charles Cohab Z"L  
Sr. Alberto Douer Z"L



**Bank Cainvest**

[www.cainvest.com](http://www.cainvest.com)